

Indústria & Competitividade

FIESC

Nº 7 > Santa Catarina > Julho > 2015



O fator humano

Por que a saúde física e mental do trabalhador já é (e será cada vez mais) um dos principais fatores competitivos da indústria

TEM MERCADO LÁ FORA

Câmbio favorece exportações, mas empresas agem com cautela

LOGÍSTICA EMPERRADA

Infraestrutura precária eleva os custos da indústria catarinense

GERAÇÃO TEM-TEM

Jovens que estudam e trabalham promovem a educação pelo Estado

Para a FIESC, educação é o novo nome do desenvolvimento.



A Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina – FIESC acredita que o futuro da indústria catarinense está na elevação da escolaridade básica e qualificação profissional de seus trabalhadores.

O compromisso diário da FIESC é representar a indústria catarinense e torná-la cada vez mais competitiva e sustentável. Na educação, os diversos produtos e serviços ofertados, por meio de suas entidades SESI, SENAI e IEL, contribuem para promover a escolaridade, a qualificação e o desenvolvimento profissional de seus trabalhadores e suas lideranças.

Essa atuação é fortalecida pelo Movimento A Indústria pela Educação, uma iniciativa da FIESC.



www.fiesc.com.br/aindustriapelaeducacao



FIESC

Mais saúde, menos crise

A “reoneração” da folha de pagamentos, uma das medidas do ajuste fiscal do Governo, trará efeitos nefastos para a competitividade industrial. Cabe lembrar que a desoneração foi essencial para que a indústria catarinense chegasse à posição de líder em contratações no País no ano passado. O que se pode esperar do nível de emprego daqui para diante, com a reoneração da folha, se as vendas reais da indústria recuaram 9% nos primeiros cinco meses do ano e a confiança do industrial é das mais baixas da história? O setor do vestuário, um dos que mais empregam em Santa Catarina, teve queda de vendas de quase 30% no período. Será que sacrificar ainda mais a sua competitividade fará crescer a arrecadação, que é proporcional ao faturamento das empresas? Não parece lógico.

A mesma pergunta vale para os juros. Por que eles são tão elevados se a inflação que enfrentamos não é de demanda, que está cada dia mais fraca? Os vilões são os preços da energia e dos combustíveis, que subiram e podem subir ainda mais por causa dos graves desequilíbrios no setor energético, causados por políticas governamentais equivocadas. É injusto que a indústria, o setor mais sacrificado, tenha que pagar por todos esses erros. Pagamos hoje uma das tarifas de energia mais elevadas do mundo, impostos crescentes e juros exorbitantes, em meio a uma recessão que é a pior em 25 anos. E para mantermos a produção industrial competitiva no Estado dependemos ainda de grandes investimentos em infraestrutura logística, pois a precariedade do sistema de transportes catarinense torna os custos locais mais altos do que a média nacional, conforme estudo realizado pela FIESC.

Todas as ações da FIESC têm como objetivo a competitividade industrial, e lutamos sem descanso pelo encaminhamento da extensa agenda de melhoria do ambiente institucional. Também desenvolvemos ações nos focos estratégicos de educação, inovação, tecnologia e qualidade de vida. Dentro deste último foco, a FIESC trouxe para Santa Catarina o 3º Global Healthy Workplace Awards & Summit, um dos principais eventos mundiais sobre bem-estar no trabalho, reunindo especialistas de dezenas de países. Lá foram constatados os incríveis efeitos que a boa saúde dos trabalhadores e um bom ambiente de trabalho têm sobre a redução dos custos e o aumento de produtividade das empresas. Investir em bem-estar é salutar para a indústria e para os trabalhadores, especialmente em um momento em que todos sofremos juntos com os efeitos da crise econômica. Os detalhes estão na matéria de capa desta edição.



HERALDO CARNIERI

Glauco José Côrte*Presidente da FIESC*

FIESC

Federação das Indústrias do
Estado de Santa Catarina

Presidente

Glaucio José Côrte

1º Vice-Presidente

Mario Cezar de Aguiar

Diretor 1º Secretário

Edvaldo Ângelo

Diretor 2º Secretário

Cid Erwin Lang

Diretor 1º Tesoureiro

Alfredo Piotrovski

Diretor 2º Tesoureiro

Egon Werner

Diretoria Executiva

Carlos Henrique Ramos Fonseca

Carlos José Kurtz

Carlos Roberto de Farias

Fabrizio Machado Pereira

Fernando Linhares

Jefferson de Oliveira Gomes

Natalino Uggioni

Rodrigo Carioni

Silvestre José Pavoni

Indústria & Competitividade

Direção de conteúdo e edição
Vladimir Brandão

Jornalista responsável
Elmar Meurer (984 JP)

Coordenação de produção
Marcelo Lopes Carneiro

Edição de arte
Luciana Carranca

Edição de fotografia
Edson Junkes

Produção executiva
Maria Paula Garcia

Revisão
Lu Coelho

Produção gráfica
Ana Paula Eckert

Distribuição
Filipi Scotti

Colaboradores da edição
**Diógenes Fischer, Fabrício Marques,
Maurício Oliveira e Mauro Geres (textos);
Cleber Gomes e Fabiano Martins (fotos)**

Apoio editorial
**Ivonei Fazzioni, Elida Ruivo, Miriane Campos,
Dami Radin, Leniara Machado,
Fábio Almeida e Heraldo Carnieri**

Capa **Luciana Carranca/(Shutterstock/Freepik)**

Comercialização
Alexandre Damasio/CIESC

imprensa@fiesc.com.br
(48) 3231 4670
www.fiesc.com.br



SUMÁRIO

6 ENTREVISTA

Para o economista Luiz Carlos Mendonça de Barros, vivemos o fim de um ciclo econômico e político, e o ciclo vindouro poderá ser melhor para a indústria

10 EXPORTAÇÕES

Com o câmbio a favor, empresas miram as oportunidades do mercado externo com um otimismo cauteloso

26 AGENDA DA INDÚSTRIA

Custo logístico de Santa Catarina é 27% maior que a média nacional e são necessários R\$ 14,9 bilhões para equacionar o problema. Um dos projetos é o BR-101 do Futuro

36 SAÚDE

Investir no bem-estar do trabalhador melhora a vida de todo mundo na indústria. O empresário colhe maior produtividade, engajamento e reduz seus custos

50 EDUCAÇÃO

Grupo de catarinenses influencia os jovens de suas regiões para que eles não integrem a geração nem-nem, que nem estuda e nem trabalha

56 PERFIL

Silvia Hoepcke foi criada para ser dona de casa mas resolveu assumir a indústria da família, a Hoepcke Bordados, e lá encontrou a realização

60 CONSERVAS

Esta é uma indústria que nasceu do gosto dos imigrantes por iguarias como o chucrute e que tem boas perspectivas de crescimento no Estado

68 GENTE DA INDÚSTRIA

Eliane Rita colava solas de sapatos na Raphaella Booz, de São João Batista, mas se tornou uma designer de mão cheia

70 ARTIGO

Mauro Mariani, deputado federal e coordenador do Fórum Parlamentar Catarinense

SUCCESS

CONQUISTE O CRÉDITO QUE SUA INDÚSTRIA PRECISA PARA INOVAR

SOLUTION

START



CAPTAÇÃO DE RECURSOS FINANCEIROS PARA INOVAÇÃO

INOVACRED

FINEP | BRDE
BADESC

FINEP
30 DIAS

O IEL auxilia sua indústria a conseguir o crédito que faltava para inovar e aumentar a competitividade. Por meio de consultorias, elaboramos projetos de inovação com o objetivo de conseguir financiamentos com juros especiais e condições de pagamento facilitadas.

FINANCIAMENTOS EM INOVAÇÃO COM TAXA DE JUROS ATRATIVA*
CARÊNCIA DE ATÉ 2 ANOS E PRAZO DE PAGAMENTO EM ATÉ 8 ANOS**

CLIQUE E SAIBA MAIS

inova.projetos@ielsc.org.br | (48) 3332-3054
(48) 3332-3051

FIESC | IEL

* valor da TJLP estipulado pelo BC para os meses de janeiro a março de 2015, sujeito a alteração.
** sujeito a avaliação de projeto, documentação (CNDs), análise financeira e garantias.

O dramático fim de um ciclo

Para o economista e ex-presidente do BNDES **Luiz Carlos Mendonça de Barros**, o Brasil está vivendo o fim de um ciclo político e econômico, do qual pode emergir uma grande mudança, com o setor privado, e não o Governo, comandando a economia. Ele acredita que a chance de fazer um rearranjo que devolva competitividade à indústria virá por volta de 2018, quando a economia estiver arrumada, e sob o comando de novas lideranças políticas.

Por **Fabício Marques**

Por que há um ciclo econômico e político chegando ao fim no Brasil?


Se você olhar o Governo do PT nos primeiros anos, claramente identifica a mudança do ciclo da economia, antes puxada pelo preço das *commodities*. Por causa da China, houve um aumento de quase 40% nos termos de troca do Brasil. A política social de Lula privilegiou o aumento de salário, acabou criando demanda e desembocou num ciclo longo de hegemonia do PT. O fim desse ciclo econômico ficou claro em 2011, 2012, no começo do mandato da presidente Dilma. Por um erro de análise, os economistas do Governo usaram o remédio keynesiano de aumentar gasto público e crédito para o consumo. Para usar uma expressão recente, ‘pedalaram’ a economia. Já havia excesso de demanda, o desemprego estava muito baixo, os sindicatos estavam conseguindo aumentos salariais expressivos. O resultado dessa leitura errada foi inflação e desequilíbrio maiores.

E o ciclo político? A presidente Dilma conseguiu se reeleger...

Aécio perdeu a eleição por muito pouco. Ficou claro que o PT perdeu apoio popular e que o ciclo político do PT estava começando a fazer água. Isso fez a presidente entender agora que, para tentar manter a hegemonia política, é preciso recuperar a economia. E, para recuperar a economia, é preciso fazer um ajuste desse que está sendo feito. É a única chance que ela tem.

Qual é a qualidade desse ajuste?

É o suficiente para jogar a economia numa recessão por um ou dois anos. É o suficiente para fazer o desemprego subir. O relevante é o Governo mudar de um déficit primário de 2%, 2,5% do PIB para um superávit de 0,5% que seja. O sinal da mudança é mais importante que o número. O Governo tem certa dificuldade para aprovar o ajuste no Congresso, mas está criada uma recessão, que é o que interessa. Só que a presidente tem dois anos para fazer o ajuste. Tem que fazer agora, para que no fim de 2016 tenha um começo de recuperação e em 2017, 2018, a economia volte a crescer. O mercado já prevê um crescimento da ordem de 2% para esse período.



Mendonça de Barros: indústria tem que fortalecer lobby para influenciar mudanças institucionais

Não é pouco?

É o que é possível de ser feito. Mudança de ciclo é mudança de ciclo. Você deixa para trás um ciclo de crescimento, que no nosso caso foi longo, de 14 anos, e tem que enfrentar um “corredor polonês” para ajustar o que precisa ser ajustado e abrir um novo ciclo, com uma grande expectativa de que, numa eleição nova, você tenha um presidente da República que pegue a economia mais arrumada para fazer um grande rearranjo institucional e tributário, para retirar uma série de amarras que comprometem a competitividade da indústria. Se funcionar, vai criar condição política de a presidente Dilma terminar o mandato melhor do que está agora. Mas do ponto de vista do projeto político do PT, não será suficiente. Eles vão ser derrotados.

Em que se baseia essa crença?

Uma das coisas importantes que aconteceram nesse período da hegemonia do PT foi o aparecimento de uma classe média nova, que hoje cobre quase que 70% da população. Essa nova

classe média tem uma expectativa diferente do que tinha quando era dependente do Governo. Não é que esteja mais à direita, é que o sujeito vive hoje do próprio trabalho. Não depende mais do Governo. E, no que depende do Governo, ele é crítico, porque transporte público é difícil, educação é difícil, saúde é difícil. Para piorar, quando você vira um empregado formal, todo mês vê quanto paga para o Governo de fundo de garantia, de INSS, de imposto de renda. Essa é uma situação particular do Brasil. Nós vamos medir o impacto disso em 2016, na eleição municipal. E logo depois vem a eleição presidencial. Deve ascender outro grupo político, com uma visão econômica mais adequada, mais moderna.

O que a indústria pode esperar desse novo momento?

A indústria tem que se ligar a esse pessoal, largar de ficar nesse ‘nhém-nhém-nhém’ dos que só negociam coisas pequenas. É preciso participar de um redesenho da indústria brasileira. Vai ter que mexer na parte fiscal, na parte

ambiental, na parte do consumidor, para criar produtividade. A indústria hoje representa menos de 10% do PIB. E muito por culpa dela mesma. A indústria tem que entender que o *lobby*, que é algo legítimo numa sociedade democrática, tem que ser refeito.

Qual é o fôlego da indústria para reagir, após a desindustrialização dos últimos anos?

A indústria sofreu muito pela pressão dos custos aqui dentro e um câmbio incompatível com a concorrência. Talvez a taxa de câmbio correta seja essa agora, de R\$ 3 por dólar. Também pagou pela criação da classe média. Muito dessa classe média foi criado por produtos importados baratos, melhores. O ambiente de negócios para a indústria no Brasil é desproporcionalmente ruim quando comparado com outros países. Se isso for arrumado, não tenho dúvida de que a indústria tem empresas e empresários preparados para fazer uma retomada.

A desindustrialização não parece mobilizar o eleitorado. Qual é o prejuízo disso para a sociedade brasileira?

A indústria é o setor mais moderno de qualquer economia e concentra os empregos de melhor qualidade. Vem perdendo, no mundo todo, participação no PIB, porque a sociedade moderna é uma sociedade de serviços. Os saudosistas dizem: a indústria foi 30% do PIB no Brasil, hoje é 10%. Trinta por cento não vai ser nunca mais. Talvez não precise ser 10%. Pode ser 12%, 15%. O setor da economia brasileira que mais sofreu nos últimos 25 anos foi a indústria, por causa desse caráter competi-

vo. Mas há exemplos de indústrias, como o da WEG, que conseguiram ficar na frente tecnológica. Então uma retomada não é impossível.

A recessão atual não será um remédio duro demais para a indústria?

Quando você entra num corredor polonês, a técnica é proteger a cabeça para não morrer. A indústria terá que se proteger. O consumidor agora recuou, mas depois que as coisas melhorarem vai voltar. Para que a grande virada da indústria ocorra é preciso uma grande reforma institucional e é isso que eu acho que vai acontecer em 2018. É preciso ter uma carga tributária mais baixa. Uma das coisas que precisa ser feita é o setor de serviços ter uma carga tributária e a indústria ter outra. Por uma simples razão: no setor de serviços ninguém vai pegar um avião para cortar cabelo em Miami. Mas comprar um produto que é feito lá fora, vai.

A oposição tem propostas para lidar com esses desafios?

Não tem proposta pronta, mas tem valores. A primeira grande mudança que teremos com a oposição ganhando é a seguinte: quem comanda a economia é o setor privado, não o Governo. Para o PT é o oposto. O mais importante na economia são as ações do Governo e o setor privado que se vire. Essa é uma mudança fundamental. A partir daí, fazer propostas detalhadas será um passo natural. O setor industrial precisa se adequar a essa construção que vai ser feita. Tem que ser algo horizontal para a indústria como um todo, e não vertical, beneficiando setores específicos. ■

“O ambiente para a indústria no Brasil é desproporcionalmente ruim na comparação com outros países. Se isso for arrumado, há empresas e empresários preparados para uma retomada”

**A PORTONAVE ESTÁ EM UMA LOCALIZAÇÃO PRIVILEGIADA:
EM PRIMEIRO LUGAR NA MOVIMENTAÇÃO
DE CONTÊINERES EM SANTA CATARINA.**



MAIS QUE UM PORTO, UM POLO LOGÍSTICO COMPLETO.

A Portonave é o porto responsável pela movimentação de 45% das cargas containerizadas de Santa Catarina e está preparada para aumentar cada vez mais esse número. Com investimentos em infraestrutura e equipamentos, está inserida em um complexo portuário consolidado e com serviços integrados. Venha crescer com a Portonave.

Lloyd's List Awards
Global|2013
Winner
Port Operator Award

CONTAINERISATION
AWARDS | 2015
FINALIST
Terminal Operator
of the Year

Navegantes/SC
portonave.com.br
+55 47 2104 3341



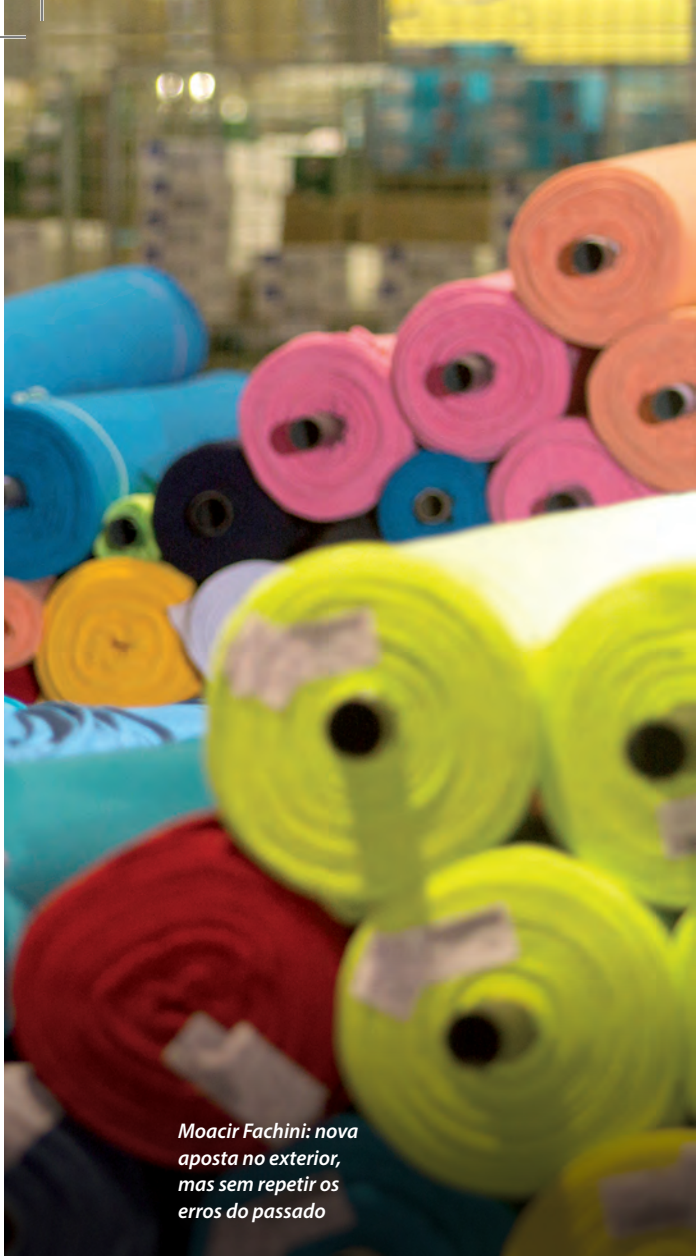


DE VOLTA ao jogo, mas COM PRUDÊNCIA

CÂMBIO FAVORÁVEL ABRE OPORTUNIDADES NO MERCADO MUNDIAL E EMPRESAS JÁ TIRAM PROVEITO DA COMPETITIVIDADE RECÉM-ADQUIRIDA. A EXPERIÊNCIA DE CRISES PASSADAS, ENTRETANTO, SUGERE UMA RETOMADA GRADUAL E ASSENTADA EM BASES SÓLIDAS

Por **Diógenes Fischer**

Com o dólar fluando acima dos R\$ 3 e diante de perspectivas desanimadoras no mercado interno, muitas indústrias catarinenses planejam se voltar às exportações como alternativa para garantir a lucratividade em tempos de crise. A princípio, trata-se de uma boa solução estratégica. Convertendo os dólares recebidos, os exportadores podem embolsar hoje de 30% a 40% a mais em reais do que obteriam – ou do que obtiveram de fato, no caso de quem já exporta – fazendo negócios equivalentes no mesmo período do ano passado. Se considerada a cotação do dólar ao



Moacir Fachini: nova aposta no exterior, mas sem repetir os erros do passado

EDSON JUNIKES

final do ano de 2011, a relação sobe para 100%. “Depois de longo período de controle do câmbio o País colocou a moeda em patamares reais, permitindo que se viabilize o crescimento das exportações”, afirma Dilvo Casagrande, gerente de exportação da Aurora Alimentos.

Aproveitando a conjuntura o Governo lançou, em junho, o Plano Nacional de Exportações (PNE), com uma série de medidas para estimular, facilitar e expandir as vendas externas. Dentre as diretrizes do plano estão o acesso a mercados, promoção comercial e aumento de 30% no volume de financiamento às exporta-

ções. O Governo também se comprometeu a reduzir o acúmulo de créditos de PIS e Cofins das exportadoras a partir do ano que vem. Diante da tibieza do mercado interno, o comércio exterior passou a ser encarado como um espaço a ser conquistado em favor do crescimento econômico do País. “Há um PIB equivalente a 32 Brasis fora de nossas fronteiras”, afirmou, no lançamento do PNE, o ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), Armando Monteiro Neto.

É tentador, considerando-se que a indústria catarinense enfrenta uma grave recessão. Seu faturamento real encolheu 8,7% nos primeiros cinco meses de 2015, na comparação com o ano passado. Há setores em que as vendas recuaram mais de 15%. Um deles é a indústria de vestuário. A oportunidade oferecida pelo câmbio se abre para empresas como a Fakini Malhas, de Pomerode, que volta suas baterias para os mercados da América Central, Estados Unidos e Japão. Mas, diferentemente do que ocorreu em outros períodos, seus tarimbados executivos não vão com tanta sede ao pote. O investimento é marcado pela cautela, pois eles sabem que uma atuação bem-sucedida depende de fatores mais complexos do que só tirar proveito imediato da variação da moeda. Envolve um profundo conhecimento de mercado e alta qualificação de produtos e processos, além da capacidade de buscar parceiros internacionais e não deixar na mão os atuais parceiros nacionais.

“Entre 2002 e 2003 vivíamos um cenário parecido com o de hoje, com o dólar em torno de R\$ 3,50”, lembra Moacir Fachini, diretor-geral da Fakini. Os pedidos do exterior cresciam todos os meses e a empresa chegou a exportar 70% da produção. Acabou deixando os clientes nacionais em segundo plano. “Passamos a focar nas vendas externas por uma conta simples: re- →

EXPORTAÇÕES

cebíamos em dólares, mas nossos custos eram em reais”, conta o empresário. Só que a situação vantajosa não durou. Em agosto de 2004 o dólar começou uma longa trajetória de desvalorização (veja o gráfico).

Com uma queda brutal na receita de exportações, a Fakini teve que tomar medidas drásticas. A produção foi redirecionada para o mercado interno e a empresa começou um intenso trabalho para reconquistar espaço no ponto de venda. No início foi preciso trabalhar no sistema de Private Label junto a grandes marcas nacionais. Gradativamente fortaleceu sua marca e hoje vende toda a produção para o varejo multimarcas. “Foi como começar de novo. Passamos por períodos extremamente delicados, mas que serviram de escola para que não voltássemos a incorrer no mesmo erro”, admite Fachini.

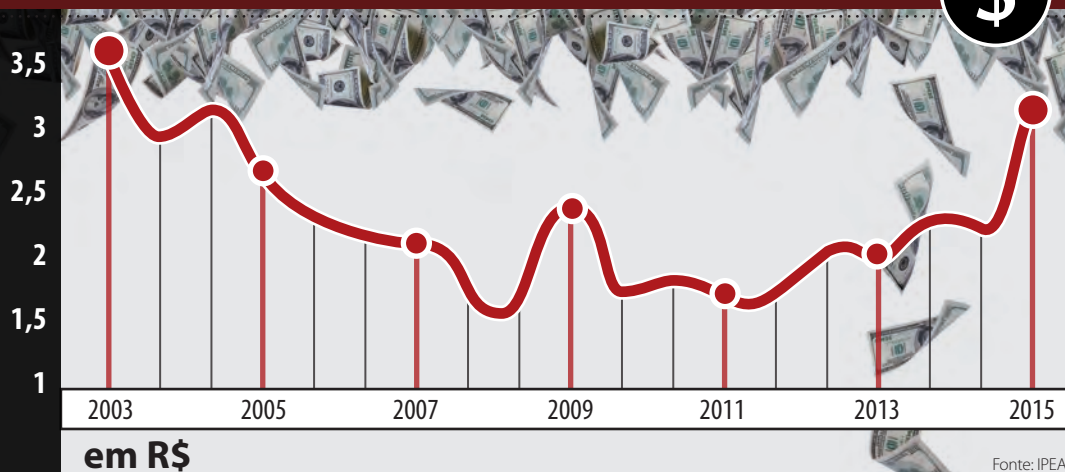
Concorrência no Brasil

As exportações só foram retomadas em 2008, timidamente, voltadas aos países do Mercosul. Mas a estratégia agora é outra. “Entendemos que o momento novamente aponta para uma inves-

tida no mercado internacional. Porém, de forma cautelosa, pois qualquer medida tomada pelo Governo ou por grandes empresas do País pode fazer a situação cambial variar significativamente”, observa Francis Giorgio Fachini, diretor comercial. Em 2015, a empresa pretende intensificar as vendas exportando marca própria e buscando o apoio de parceiros estratégicos locais. E dessa vez sem deixar de lado os 6 mil pontos de venda que mantém no Brasil. Até o fim deste ano, o plano é ampliar de 2% para no mínimo 5% a participação das exportações no faturamento da empresa.

O longo período de câmbio valorizado que, segundo muitos economistas, foi mantido artificialmente por meio de intervenções do Banco Central, afetou de forma drástica vários setores da indústria de Santa Catarina. O Estado, que já foi o quinto maior exportador do Brasil, pisou no freio neste quesito e se acomodou na décima posição. As exportações de produtos industrializados declinam desde 2011. Já as importações, que ficaram mais competitivas no Brasil em função do câmbio, representaram uma forte concorrência para setores como o cerâmico, o do vestuário e o de bens de capital. Ou seja, a indús-

MONTANHA-RUSSA | Como se comportou o dólar na última década





EDSON JUNIKES

tria do Estado perdeu pelos dois lados.

No *cluster* moveleiro do Planalto Norte, responsável por 23% das exportações brasileiras de móveis, muitas empresas tiveram que reformular suas estratégias quando o câmbio desfavorável se combinou com a crise internacional de 2008. A região perdeu cerca de 2 mil empregos e algumas empresas com décadas de tradição no mercado fecharam as portas. Seu principal erro: destinar quase toda a produção para a exportação em um momento de forte instabilidade do comércio exterior e não ter fôlego financeiro para mudar de rumo.

“Começamos a exportar em meados dos anos 1990 para os mercados americano e alemão, inicialmente diante de uma rejeição do lojista brasileiro ao móvel de pinus”, diz Arnaldo Huebl, proprietário da Móveis Weihermann, de São Bento do Sul. No início da década de 2000, o câmbio favorável e os contratos vantajosos

acabaram deixando a empresa em uma espécie de “zona de conforto” que a fez se afastar cada vez mais do mercado nacional, chegando a direcionar 95% da produção para exportação. Quando o preço do móvel brasileiro deixou de ser competitivo lá fora, a empresa chegou a trabalhar com margens reduzidas na esperança que o dólar voltasse a subir. “Mas não subiu”, lamenta Huebl.

A Weihermann sobreviveu reduzindo o número de funcionários de 450 para 200 e fazendo uma reformulação estratégica em 2009, retornando ao mercado nacional ainda a tempo de impedir um desastre financeiro. “Tomamos consciência de uma situação que poderia ter custado a vida da empresa se perdurasse por mais tempo”, conta o empresário, que admite ter cometido um erro estratégico ao não redefinir rumos mais cedo. A empresa trabalhou com →

Huebl, da Móveis Weihermann: reformulação estratégica



Unidade da Aurora em Joaçaba: cortes para o mercado japonês

DIVULGAÇÃO AURORA

prejuízo até 2012, e as vendas vêm crescendo desde então. “Agora estamos focados no mercado interno, mas a decisão estratégica é não abandonar nenhum dos mercados. Não se pode deixar de exportar, mas com muita segurança e com clientes que realmente conhecemos.”

Melhor planejamento

A Weihermann destina 40% das vendas ao exterior e aproveita o aumento de rentabilidade proporcionado pelas exportações, especialmente as realizadas para os Estados Unidos, para onde fornece a dois grandes compradores. A empresa tem ainda clientes na Holanda, Espanha e França. Mesmo com o câmbio favorável a meta é até ampliar a participação no mercado brasileiro, chegando a uma proporção de 30/70. “Mas para isso a demanda interna precisa dar sinais de que vai aumentar”, diz o empresário.

A cautela na retomada das exportações se reflete nos resultados do comércio internacional catarinense. De janeiro a maio deste ano, as exportações alcançaram US\$ 3,3 bilhões, 8,9% a menos que no mesmo período do ano passado. Houve quedas nas exportações de carne de frango (-16%), carne suína (-24,3%), motores e geradores elétricos (-14,4%) e motocompressores herméticos (-27,9%). “Os exportadores aguardam uma maior estabilidade cambial para planejar melhor as vendas”, afirma Francisco Turrá, presidente-executivo da Associação Brasileira de Proteína Animal. Mas já há sinais de melhora. Um exemplo: em maio as exportações brasileiras de carne suína cresceram 18% em volume em relação ao mesmo mês de 2014, e Santa Catarina é o maior exportador do produto.

“Manter a competitividade com o real sobrevalorizado não foi fácil. Exigiu rigoroso controle →

EXPORTAÇÕES PODEM SALVAR O ANO?

Setores da indústria catarinense com retração nas vendas



Vestuário
-26,8%



Alimentos
-19,0%



Veículos e autopeças
-17,5%



Bebidas
-11,2%



Celulose e papel
-11,1%



Metalurgia
-8,3%



Minerais não metálicos
-4,7%



Plástico
-3,3%



Máquinas e equipamentos
-2,9%

Fonte: FIESC. Obs: Jan-Mai 2015/Jan-Mai 2014

ÍCONES: FIEPIK



ArcelorMittal

Uma conquista para a indústria catarinense

A ArcelorMittal Vega chega aos 12 anos de operação com uma grande novidade: a fabricação, no Brasil, do Usibor®. Aço sustentável e de alta resistência, revestido com alumínio, que conquistou o mercado automotivo.

transformando
o amanhã

Santa Catarina mundo afora

CARACTERÍSTICAS E RESULTADOS DAS EXPORTAÇÕES DO ESTADO

**US\$ 8,99
BILHÕES**

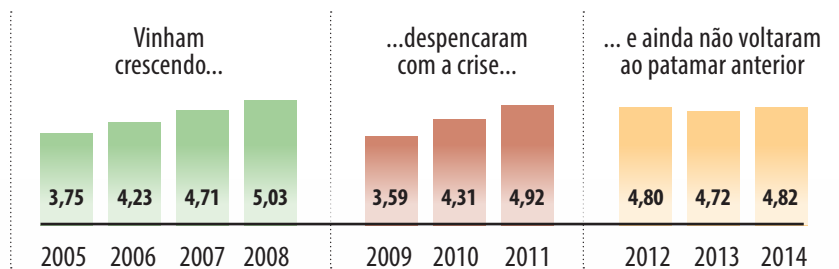
**Exportações
totais em 2014**
(3,4% a mais
que 2013)



**US\$ 3,31
BILHÕES**

**Exportações de
janeiro a maio**
(-8,9%)

EXPORTAÇÕES DE INDUSTRIALIZADOS (em US\$ bilhões)



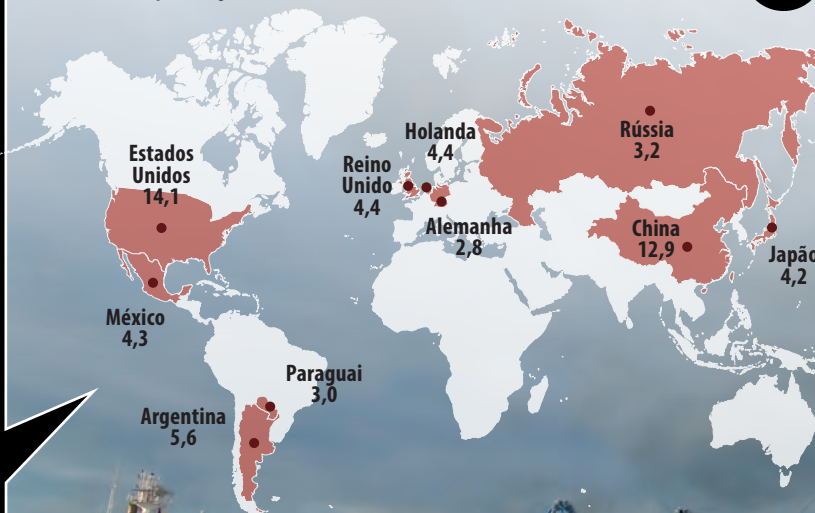
Em 2014, as exportações de SC de produtos industrializados corresponderam a 53,6% do total. No ano 2000 essa proporção era de 74,5%

Nos cinco primeiros meses de 2015 as exportações caíram fortemente para mercados do grupo dos maiores compradores, como Japão (-32%), Holanda (-23,5), Rússia (-23,3) e Alemanha (-16,2)

Em compensação, as vendas subiram em mercados emergentes, com destaque para a Coreia do Sul (35,8%), Bélgica (27,6), África do Sul (17,8%) e Turquia (19,3%)

Nos países do Mercosul, as vendas para a Argentina ficaram estáveis, despencaram no Uruguai (-25,5%) e cresceram na Venezuela (16%)

NOSSOS MAIORES CLIENTES (% das exportações totais em 2015)



PERFIL DA PAUTA CATARINENSE

(% das exportações)



Por fator agregado

- Básicos: 44,1
- Manufaturados: 55,9



Por setor de contas nacionais

- Bens de capital: 18,7
- Bens de consumo: 34,8
(Não duráveis: 31,6)
(Duráveis: 3,15)
- Bens intermediários: 45,7
(insumos industriais)
- Combustíveis e lubrificantes: 0,8



Principais produtos

- Frango: 18,7
- Soja: 11,1
- Blocos de cilindros: 4,5
- Suínos: 4,4
- Tabacos não manufaturados: 6,3
- Motores e geradores elétricos: 6,0
- Motocompressor hermético: 3,8
- Outros: 45,2



Obs.: Janeiro a maio de 2015

A LARGADA EM 2015



As maiores exportadoras

	US\$ milhões	% sobre 2014
BRF	292,8	-24,13
WEG Equip. Elétricos	272,8	-8,94
Seara Alimentos	262,3	-17,54
Tupy	189,9	1,28
Aurora Alimentos	178,3	-1,67
Whirlpool	167,0	-22,60
Bunge Alimentos	153,2	-51,81
Souza Cruz	145,5	18,97
Coamo	136,4	--
JBS Aves	56,6	-13,59

Indústrias que mais cresceram

	US\$ milhões	% sobre 2014
Berneck Painéis e Serrados	6,4	145,2
Tuper	15,8	92,9
Iguaçu Celulose e Papel	15,1	1,2
ArcelorMittal	24,7	38,2
Frame Madeiras	20,2	4,9
Netsch do Brasil	17,4	22,4
Fischer Agroindústria	12,2	13,9
Portobello	15,9	12,9

Obs.: Exportações janeiro-maio.
Indústrias entre os 40 maiores exportadores

de custos e eficiência em todas as fases da operação. Com o real depreciado a disputa nos mercados internacionais fica um pouco mais fácil, mas o Brasil enfrenta grandes competidores no mercado mundial de carnes”, avalia Mário Lanznaster, presidente da Coopercentral Aurora Alimentos, de Chapecó, a terceira maior produtora e processadora de carnes no País. Ele refere-se, por exemplo, aos Estados Unidos, que têm forte presença no mercado internacional de carne de frango.

Em 2014 a Aurora elevou em 30% as vendas para o mercado externo, totalizando um faturamento líquido de R\$ 1,3 bilhão, o que representou 20% da receita da empresa. Para este ano, mesmo com as dificuldades dos primeiros meses – que incluíram uma greve de caminhoneiros de 13 dias, em abril – a previsão é aumentar a receita com vendas externas e atingir 25% da receita operacional bruta. A expectativa otimista é ancorada na unidade de suínos de Joaçaba, que está obtendo habilitações específicas para exportar para Cingapura, Japão e Chile, e na nova unidade de aves adquirida da Cooperativa Cocari, em Mandaguari (PR), que tem 50% da produção voltada ao exterior. A Aurora exporta para mais de 70 países com embarques mensais de 15 mil toneladas de carne de aves e 5 mil de carne suína.

Tempo e trabalho

No caso da agroindústria, a virada no câmbio se soma ao status sanitário privilegiado. Santa Catarina obteve recentemente o reconhecimento da Organização Mundial de Saúde Animal (OIE) como área livre da peste suína clássica. Além disso, desde 2007 se mantém livre de febre aftosa sem necessidade de vacinação. Toda a produção de carne suína é controlada, desde o nascimento dos animais, alimentação, bem-estar e aplicação de vacinas, com rastreabilidade de todo o processo. O resultado é o acesso a



DIVULGAÇÃO WEG

Setor de expedição da WEG: metade das receitas provém do exterior

alguns dos mercados exigentes do mundo. “A prioridade em 2015 é a consolidação de mercados recentemente abertos para a carne suína, mas que demandam tempo e trabalho para incrementar e consolidar volumes, como é o caso do Japão e dos Estados Unidos”, diz Dilvo Casagrande, gerente de exportação da Aurora. Outros objetivos são retomar as exportações para a África do Sul, mercado que estava fechado para o Brasil desde 2005, e abrir novas frentes em países como Coreia do Sul e México. Todo esse trabalho, entretanto, deve ser feito com muita cautela. A história do setor já ensinou que aumentar o volume de produção no Brasil sem que haja uma resposta firme da demanda internacional pode causar graves desequilíbrios no setor, com a queda de preços aos produtores e crises profundas na suinocultura e avicultura.

Para o polo metalmeccânico catarinense as exportações surgem como alternativa ao mercado interno que encolhe em função da retração da construção civil, da indústria automobilística e de outros setores para os quais fornece. Mas por enquanto o câmbio favorável influi apenas em parte no desempenho setorial. “Melhoram as condições competitivas em setores menos elaborados, mas tem pouco impacto de curto prazo sobre a competitividade de produtos com maior valor agregado”, afirma Gustavo Iensen, diretor-superintendente internacional da WEG, um dos maiores fabricantes mundiais de motores e geradores elétricos. “Há uma valorização do dólar ante muitas moedas no mundo, o que significa que os concorrentes também ficam mais competitivos para exportar”, observa, acrescentando que em alguns casos, em razão das oscilações cambiais, o crescimento em moeda local não se converte em crescimento em dólares.

No primeiro trimestre a multinacional com sede em Jaraguá do Sul obteve uma receita líquida de US\$ 385 milhões no mercado externo, desempenho apenas 2,5% superior ao mesmo período do ano passado. "Ainda assim a recente desvalorização do real nos oferece, mesmo que temporariamente, condições favoráveis para a execução da nossa estratégia de crescimento no exterior", afirma Iensen. A ideia é converter o aumento temporário de competitividade em posicionamento estruturalmente mais forte. Atualmente, cerca de metade da receita da companhia vem de fora do País, dividida entre 30% de exportações e 20% das subsidiárias, que incluem fábricas na Argentina, Colômbia, México, Estados Unidos, Áustria, Alemanha, Portugal, África do Sul, China e Índia. De acordo com Iensen, investir em unidades internacionais com a capacidade de fazer o mesmo produto das fábricas brasileiras é uma forma de garantir competitividade mesmo em épocas desfavoráveis em relação ao câmbio.

Concentração setorial

Há predominância dos setores de alimentos e de bens básicos para a indústria na lista de produtos mais exportados pelo Estado, que tem como primeiros colocados o frango, a soja, o tabaco e os motores e geradores elétricos. Estes produtos foram responsáveis por 42% do faturamento total das exportações catarinenses de janeiro a maio. Também se destacam os blocos de cilindros de motores fabricados pela Tupy e os motocompressores herméticos produzidos pela Embraco, ambas de Joinville. Apesar de não ser tão dependente das *commodities* quanto seus vizinhos do Sul, Santa Catarina ainda demonstra uma alta concentração setorial. Já os quatro principais mercados compradores são Estados Unidos, China, Argentina e Inglaterra, sendo que os dois primeiros juntos são responsáveis

por 27% do total. Significa dizer que há muito espaço para diversificar tanto nos produtos quanto na amplitude de mercados que podem ser explorados pelas indústrias locais.

No caso da Tuper, de São Bento do Sul, quinta maior processadora de aço do País, o crescimento das exportações no início do ano se deveu ao fechamento de novos negócios na área de óleo e gás, mercado que a empresa só começou a explorar recentemente. O salto no primeiro bimestre foi de 436% em comparação com o mesmo período de 2014, simbolizando uma reinserção no mercado norte-americano depois de longo período afastada. Até o final de 2004 a Tuper exportava 25 mil toneladas de tubos especiais para a indústria dos EUA, que já saíam do Brasil cortados sob medida para as aplicações de cada cliente. "O produto fazia sucesso até



**Velocidade para empresas
que querem crescer.**

FIBRA ÓPTICA
PARA INTERLIGAÇÃO DE EMPRESAS



OptiTel
renove suas conexões

Agende uma
visita com nossa
Equipe Comercial.

47. 3047 8300 optitel.com.br



ENCONTRO ECONÔMICO
BRASIL - ALEMANHA 2015
DEUTSCH - BRASILIANISCHE
WIRTSCHAFTSTAGE 2015

Rodada de negócios

Encontro Brasil-Alemanha de Joinville vai acelerar negócios entre os países

Santa Catarina possui uma sólida e duradoura relação comercial – além de laços históricos e culturais – com a Alemanha. Por isso é o palco ideal para a realização da 33ª edição do Encontro Econômico Brasil-Alemanha, de 20 a 22 de setembro em Joinville. O encontro anual é organizado alternadamente em ambos os países. É a terceira vez que o Estado sedia o evento, depois de já ter recebido as edições de 1994 (Florianópolis) e 2007 (Blumenau). Com a participação confirmada de mais de 70 indústrias alemãs, reúne representantes das esferas pública e privada das duas nações para discutir negócios, parcerias e investimentos. Quem organiza o encontro no Brasil é a CNI, com co-coordenação da FIESC e em parceria com a Prefeitura de Joinville, o Governo do Estado e a Câmara de Comércio Brasil-Alemanha.

Estão previstas visitas técnicas a indústrias locais e ao Centro de Tecnologia do SENAI de Joinville, que tem parceria com o Instituto Fraunhofer, um dos maiores centros de pesquisa industrial no mundo. Uma das novidades deste encontro é o programa de *business host*, que permite aos empresários catarinenses apadrinhar até cinco representantes de empresas alemãs. A ideia é receber colegas do mesmo setor de atividade para passeios turísticos, culturais e eventos extranegócios, com o objetivo de estreitar vínculos e trocar experiências.

que nossos competidores perceberam que poderiam fabricar esses tubos lá mesmo e fomos gradualmente perdendo mercado. Essa situação, aliada à desvalorização do dólar nos anos seguintes, reduziu imensamente nossa competitividade”, diz o presidente Frank Bollmann.

Depois dessa experiência difícil, a Tuper direcionou seu foco para o mercado brasileiro, restringindo a atuação internacional aos países da América do Sul, para onde embarca 1,2 mil toneladas por mês. Apenas a partir de setembro de 2012, com a inauguração da Tuper Óleo e Gás, é que surgiu a oportunidade para finalmente voltar aos Estados Unidos, que estavam começando a explorar suas jazidas de xisto. Mas a retomada não tem sido fácil. “As primeiras encomendas só vieram em meados de 2014, após a Justiça americana cassar o *dumping* de países asiáticos no mercado de tubos que inviabilizava nossa entrada neste setor.”

Preço do petróleo

A Tuper continuou vendendo bem até março, quando uma nova mudança no cenário travou mais uma vez as exportações. Com a queda pela metade do preço do petróleo os americanos reduziram drasticamente sua produção de gás e óleo de xisto e, em consequência, a demanda por tubos. No momento a Tuper não tem contrato nos EUA. Bollmann confia em um gradual ajuste no preço do petróleo para voltar a vender para os americanos. “No nosso caso, a variação cambial não tem tanta influência, pois negociamos a matéria-prima em dólar. A qualidade do produto não é problema. Os grandes entraves são logísticos e de política comercial.”

Márcio Figueiredo, diretor internacional da Cecrisa/Cerâmica Portinari, fabricante de revestimentos cerâmicos, tem posição semelhante. “Apesar de estarmos otimistas que o câmbio nos

**GÁS NATURAL PARA RESIDÊNCIAS,
VEÍCULOS, COMÉRCIO E INDÚSTRIA.**

SCGÁS, A ENERGIA QUE MOVE SANTA CATARINA COM INOVAÇÃO E COMPETITIVIDADE.

Santa Catarina conta com a força e a segurança da SCGÁS para crescer e viver melhor. São mais de 20 anos de atuação, distribuindo o gás canalizado que gera a energia que o Estado precisa para se desenvolver cada vez mais. O gás natural é uma solução econômica que traz conforto para as casas, economia para os carros e mais competitividade para o comércio e a indústria. Conte com essa inovação você também.

0800 48 5050
www.scgas.com.br



EXPORTAÇÕES

coloque de volta a patamares mais competitivos, não podemos esquecer que a moeda europeia chegou a seu menor nível em relação ao dólar em 12 anos”, afirma. Ao buscar se diferenciar no mercado internacional atuando no segmento de alto padrão, as vendas externas da marca Cerâmica Portinari não são tão afetadas pela concorrência chinesa, que vem crescendo no mercado mundial com produtos de menor qualidade.

“Nossos concorrentes são italianos e espanhóis, e muitas vezes eles estão até mais competitivos que a gente na questão cambial.” Para ele, os principais problemas para ganhar mercado são os altos custos logísticos, medidas protecionistas e as barreiras tarifárias de países como a África do Sul, onde não se paga imposto para importar da zona do Euro, enquanto a taxa de importação do Brasil é de 20%. A empresa dire-

Ponto de apoio

FIESC tem programas e serviços voltados à internacionalização da indústria

A FIESC oferece uma série de serviços para auxiliar as indústrias a se tornarem mais competitivas no mercado global. O Centro Internacional de Negócios (CIN) coordena ações de promoção de exportações, prospecção de clientes, inteligência comercial, capacitação empresarial e emissão de certificação de origem. O principal programa é o Start Export, que dura um ano e oferece aos participantes acesso a estudos de mercado, diagnóstico de sua capacidade exportadora e atividades de capacitação, além do desenvolvimento de

um plano de ação. São parceiros o Sebrae/SC, o Instituto Espanhol de Comércio Exterior, a Câmara de Comércio e Indústria de Marseille-Provence, na França, e a Câmara de Comércio Italiana em Santa Catarina.

Outra forma de promover a inserção internacional são as missões empresariais. Em março, a FIESC liderou um grupo de três estados em uma visita à Expocomer, maior feira multisetorial do Panamá. Em outubro é a vez da Canton Fair, na China, o maior evento de exportação e importação do mundo, para o qual a FIESC tem organizado missões nos últimos anos.

Em abril foi lançado o Plano de Ação Setorial para promover a entrada de indústrias moveleiras brasileiras no mercado externo. Elab-

orado pela FIESC, com apoio da CNI e envolvendo outras 13 federações, o programa se estende de maio a dezembro e envolve ações de capacitação, estudos e inteligência comercial, encontros e missões. Outras federações lideram programas voltados a diferentes setores, todos acessíveis a empresas catarinenses por meio do CIN.



Canton Fair: maior evento de comércio exterior do mundo



DIVULGAÇÃO

ciona 15% das vendas para o exterior e aposta na qualificação de produtos para ganhar mercados exigentes. Caso do certificado LEED (Leadership in Energy and Environmental Design), um sistema internacional de certificação ambiental para edificações sustentáveis utilizado em 143 países, que a empresa possui. Para os próximos anos, a intenção é aumentar a presença nos Estados Unidos.

A reorientação das exportações para o mercado norte-americano é uma tendência e tem sido uma das prioridades do MDIC, que trabalha com o Departamento de Comércio dos EUA num processo de convergência regulatória que deve abrir portas a produtos brasileiros em vários segmentos. Na indústria cerâmica um acordo já está próximo, e as negociações avançam nos setores têxtil e de máquinas e equipamentos. Pode ser o início de uma retomada. Em 2000, mais de 70% das exportações

brasileiras para os EUA eram de produtos industrializados,

como autopeças e calçados, mas hoje o predomínio é de *commodities*. “Houve perda de mercado do industrializado brasileiro em relação a outros fornecedores internacionais”, explica José Augusto de Castro, presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB). “Agora, com taxas de crescimento sustentadas, embora ainda relativamente baixas, os EUA são um mercado com elevado potencial para expansão de industrializados.”

Conquistar espaço no mercado norte-americano foi crucial para as ambições de internacionalização da Reivax, fornecedora de sistemas para o controle da geração de energia. Fundada em 1987 em Florianópolis, em 2009 já dominava o mercado latino-americano. Daí participou do projeto Start Export da FIESC (leia o box) e →

Produção de tubos na Tuper: idas e vindas no mercado dos EUA



EDSON JUNKEIS

Pons, da Reivax: meio para o crescimento é diversificar os mercados

começou a traçar sua estratégia para entrar nos EUA. Participou de feiras setoriais, anunciou na mídia local e adequou seu software para as medidas e a língua do país. Foi fundamental encontrar um parceiro local, no caso um experiente executivo que se associou à Reivax North America, uma *startup* com sede em Montreal, no Canadá.

A primeira encomenda saiu em 2012. No ano passado, foram fechados dois contratos importantes. O principal deles, no valor de US\$ 3 milhões, foi a venda de 18 sistemas para a Força Aérea Americana, que serão usados em túneis de vento para o teste de projetos de aeronaves, motores a jato, ônibus espaciais e mísseis. Outro cliente é uma empresa de fornecimento de água da Califórnia. O núcleo dos equipamentos foi fabricado na sede da empresa em Florianópolis e a montagem final fica a cargo de uma empresa parceira nos EUA, que ainda agrega

alguns componentes de fabricação americana para cumprir cláusulas de conteúdo local.

Com a experiência bem-sucedida, no final de 2013 a empresa decidiu investir em um modelo semelhante na Suíça, também com um parceiro local com conhecimento dos mercados da Ásia e Oriente Médio. A Reivax of Switzerland já está presente em países como Índia, Malásia, Tailândia e Cingapura. “Para crescer, ou se desenvolve novos produtos ou novos mercados”, diz Fernando Happel Pons, um dos sócios-fundadores da empresa. “Apesar de continuarmos aprimorando nossos produtos, chegamos à conclusão de que havia mais margem para crescer com a diversificação do mercado. A atuação no exterior criou outro patamar para a Reivax e hoje concorremos de igual para igual com multinacionais com estrutura muito maior que a nossa”, diz o diretor da empresa, que atualmente exporta cerca de 40% da sua produção para mais de 25 países em quatro continentes. ■



Promovendo a saúde para uma indústria mais sustentável.

A Gestão Integrada da Saúde do SESI visa reduzir o impacto financeiro com o adoecimento dos trabalhadores da indústria catarinense.

O SESI organiza as informações de saúde da indústria, identifica quais são os principais fatores responsáveis por doenças e acidentes e encontra oportunidades para reduzir o absenteísmo e os gastos com a utilização do plano de saúde e, conseqüentemente, os custos, transformando sua empresa em um ambiente mais saudável e sustentável.

Informações,
www.sesisc.org.br ou **0800 48 1212.**



A competitividade passa ao largo

O CUSTO LOGÍSTICO DA INDÚSTRIA CATARINENSE É UM DOS MAIS ALTOS DO MUNDO E AS OBRAS DE INFRAESTRUTURA QUE PODERIAM MELHORAR A SITUAÇÃO DEMORAM DE MAIS A SAIR DO PAPEL. É PRECISO AUMENTAR OS INVESTIMENTOS E APRIMORAR A GESTÃO DOS PROJETOS

Por **Vladimir Brandão**

A agroindústria depende do ingresso em Santa Catarina de 2,3 milhões de toneladas de milho e soja por ano para alimentação de aves e suínos. Diante da inexistência de ferrovias que barateariam o serviço, o transporte dos insumos é feito por meio de 50 mil viagens de caminhões desde a Região Centro-Oeste. O final do percurso é arriscado. Os trechos das BRs 163, 158 e 282 que adentram os polos produtores de São Miguel do Oeste, Maravilha, Pinhalzinho, Xanxerê e Chapecó estão repletos de buracos, desníveis, afundamentos, trincamento do asfalto e obras inacabadas. As estradas estão incluídas no Programa de Conservação, Restauração e Manutenção de Rodovias do Governo Federal (Crema) e deveriam estar em obras, mas a maior parte dos serviços está parada desde o ano passado. “Há

Portos catarinenses não têm estrutura para receber navios de grande porte como este



LOGÍSTICA EMPERRADA

14%
Custo logístico em SC, em relação ao faturamento da indústria

11%
Custo médio no Brasil. Nos EUA são 9%

R\$ 1,8 BILHÃO
Economia anual em SC caso o custo fosse reduzido para 13%

R\$ 14,9 BILHÕES
Investimentos necessários em logística no Estado (2016-2019)

Fontes: FIESC e Fundação Dom Cabral

DIVULGAÇÃO MSC

vários trechos em estado deplorável”, descreve o engenheiro Ricardo Saporiti, responsável por uma análise dessas rodovias encomendada pela FIESC e divulgada no final de junho.

O escoamento da produção não tem melhor caminho que o dos insumos. Sem uma ferrovia que ligue o Oeste ao litoral, resta transportar a carne processada a bordo das mais de 1.100 carretas a serviço da agroindústria que disputam espaço todos os dias na desgastada BR-282. Quando o produto é destinado à exportação, as carretas ingressam na BR-470, cuja duplicação anda a passos de tartaruga e o tráfego supera em sete vezes a capacidade para a qual a estrada foi projetada, atrasando a viagem até os portos. A falta de uma boa infraestrutura afeta a competitividade da indústria. Estima-se que o custo de produção de carnes de aves e suínos é 5% mais alto em Santa Catarina do que no Paraná e no Centro-Oeste. Já é fato constatado o deslocamento de investimentos produtivos da agroindústria catarinense para outras regiões em função das dificuldades logísticas.

O nó logístico não é problema isolado da agroindústria. Com o quarto maior parque industrial do País, Santa Catarina é palco diário de uma

maratona de movimentação de pessoas, insumos e mercadorias para dar conta da produção de suas 50 mil indústrias. Isso custa mais caro às empresas locais do que às de outras regiões do País. O processo logístico no Estado – que inclui transporte, estoque, armazenagem e administração – custa em média R\$ 0,14 para cada R\$ 1 faturado pela indústria, de acordo com estudo do Programa Catarinense de Logística Empresarial, realizado pela FIESC e o Laboratório de Desempenho Logístico da UFSC. “Caso fosse reduzido R\$ 0,01 desse custo, a indústria do Estado teria um ganho anual de R\$ 1,8 bilhão”, contabiliza o professor Carlos Taboada, coordenador do estudo.

Tal conquista hipotética apenas aproximaria a competitividade do Estado aos padrões nacional e mundial. Uma pesquisa conduzida pela Fundação Dom Cabral concluiu que o custo logístico médio no Brasil é de R\$ 0,11 para cada R\$ 1 faturado – 21% inferior ao custo catarinense. No caso dos Estados Unidos, o impacto da logística sobre o faturamento da indústria é 35% menor que o medido em Santa Catarina. Considerando que a qualidade da logística do Brasil como um todo ocupa o 114º lugar em um ranking de 144 países, segundo o

→

INVESTIMENTOS ESSENCIAIS



MODAL

AEROVIÁRIO

RODOVIÁRIO

VALOR TOTAL

R\$ 302 MILHÕES

R\$ 6,2 BILHÕES

ALGUMAS AÇÕES

- Construção de novo terminal de passageiros no aeroporto de Florianópolis
- Implantação e ampliação da rede de aeroportos regionais

- Duplicação das BRs 280 e 470 e obras diversas nas demais BRs
- Inclusão de novos trechos das BRs 470, 282 e 158 no programa de concessões
- Construção do túnel no Morro dos Cavalos (BR-101)
- Obras de acessos a portos e aeroportos
- Revitalização da Ponte Hercílio Luz (Florianópolis)

Fonte: FIESC/PPA
2016-2019

Fórum Econômico Mundial, é lógico concluir que a infraestrutura logística à disposição da indústria catarinense é uma das piores do mundo.

Intervenções

Mesmo o sistema portuário, considerado a joia da coroa da infraestrutura estadual devido à abundância de portos e à eficiência operacional acima da média, corre o risco de ficar ultrapassado. O transporte de contêineres, que serve à movimentação de carnes congeladas e outros produtos importantes da pauta de exportações catarinense, e também o transporte de grãos são cada vez mais realizados por navios de grande porte, com 366 metros de comprimento, 52 metros de boca e 15,5 metros de calado operacional.

Eles não podem operar no Estado devido à baixa capacidade dos calados e das áreas de manobras dos portos. O Complexo Portuário de Itajaí, por exemplo, que é o segundo no Brasil em movimentação de contêineres, precisa urgentemente de obras de dragagem dos canais, de uma nova bacia de evolução e da ampliação da área primária para poder atender os grandes navios.

“A infraestrutura logística do Estado está defasada e são necessários muitos investimentos para atualizá-la”, afirma o presidente da FIESC Glauco José Côrte. A lista das intervenções essenciais consta do documento Obras de Infraestrutura de Transportes Estratégicas para a Indústria Catarinense, elaborado pela FIESC. Para o período 2016-2019 são necessários investimentos de R\$ 14,9 bilhões nos modais rodoviário, aquaviário,

Obras estratégicas para melhorar a logística de Santa Catarina (2016-2019)



FOTOS: ARQUIVO FIESC



FERROVIÁRIO

R\$ 7,2 BILHÕES

- Conclusão de projetos e início da construção das ferrovias Litorânea, da Integração (Leste-Oeste) e Norte-Sul na altura de Chapecó
- Continuação das obras dos contornos de Joinville, São Francisco do Sul e Jaraguá do Sul

AQUAVIÁRIO

R\$ 1,1 BILHÃO

- Ampliação da capacidade dos portos com novos berços de atracação e obras nos canais, bacias de evolução e molhes
- Realização de estudo do potencial hidroviário do Estado

ferroviário e aeroviário (veja o quadro). Mas mesmo quando são incluídos no orçamento, os investimentos frequentemente atrasam, param ou sequer saem do papel. No caso do Governo Federal, no ano passado, de um orçamento de R\$ 1,9 bilhão foram realizados R\$ 719 milhões, ou 37% do previsto, quase tudo na duplicação da BR-101. Já no primeiro semestre deste ano apenas 0,09%, ou menos de R\$ 1 milhão de um total de R\$ 820 milhões previstos no Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), foi de fato aplicado em Santa Catarina. O problema não é só falta de dinheiro. "É prioridade máxima melhorar a gestão das obras", afirma o presidente da FIESC.

Isso explica por que as obras dos contornos ferroviários de Joinville, Jaraguá do Sul e São Francisco do Sul estão paradas há 10 anos, ou por

que a ampliação do aeroporto de Florianópolis está sete anos atrasada, com equipamentos adquiridos há anos que ainda não foram instalados e já estão ficando obsoletos. A duplicação da parte Sul da BR-101 demorou tantos anos para sair do papel que a maior parte dos trechos já requer manutenção e ampliação de capacidade mesmo antes da conclusão das obras. Os atrasos não são observados apenas em projetos federais. A recuperação da Ponte Hercílio Luz, em Florianópolis, que poderia ajudar a desafogar o tráfego da Ilha, já se estende por nove anos sob a coordenação do Governo Estadual.

Há ainda entraves como o que ameaça a Ferrovia Litorânea, que deverá ligar os portos do Estado à malha nacional e proporcionar um grande salto qualitativo na eficiência logística. O projeto realiza-

→

Dá para sair da estrada

Navegação de cabotagem é opção logística viável para a indústria

A logística da ArcelorMittal em São Francisco do Sul baseia-se na integração dos modais rodoviário, ferroviário e marítimo, o que a faz ficar menos exposta às limitações da BR-101 e de outras estradas precárias Brasil afora. Funciona assim: cerca de 1,7 milhão de toneladas de bobinas de aço são embarcadas anualmente da unidade do Espírito Santo para serem processadas em São Francisco do Sul. Com isso, a empresa retira das estradas mais de 70 mil caminhões. Já a produção escoada pela ferrovia a partir de São Francisco dispensa 3 mil caminhões por ano. “O modelo permite ganhar agilidade no fornecimento, tanto na recepção da matéria-prima como no embarque do produto para o mercado”, diz Maurício Caberlin Barbero, gerente de logística.

Já a Cooperja, de Jacinto Machado, no Sul



PRODUÇÃO

Bobinas de aço em navio


do Estado, utiliza a cabotagem para mandar carregamentos de arroz ao Norte e Nordeste do Brasil. O modal marítimo transporta metade das 120 mil toneladas do grão beneficiadas por ano pela cooperativa. Mesmo com a liberação do tráfego na ponte de Laguna – um dos últimos gargalos no trecho Sul da rodovia – o sistema continuará sendo utilizado. “Além de o custo ser 10% menor que o rodoviário, um navio que atraca em Imbituba carrega o mesmo volume que 3 mil caminhões levariam pela estrada”, afirma o presidente Vanir Zanatta. A sociedade ganha com a maior segurança no transporte, menor desgaste da infraestrutura viária e de emissão de poluentes e menos congestionamentos e acidentes.

do pelo Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (DNIT) parou devido à transposição do Morro dos Cavalos, onde existe uma comunidade indígena. Uma proposta apresentada pela Fundação Nacional do Índio (Funai) modifica o traçado, aumenta o percurso em 30 quilômetros, inclui túneis e eleva o custo em R\$ 16 bilhões, o que na prática inviabiliza a ferrovia. A Ferrovia Litorânea e a Ferrovia da Integração, que ligará o Oeste ao litoral, além de complementares, são as únicas obras estruturantes previstas para Santa Catarina.

Sem dinheiro para investir, o Governo Federal busca avançar nas privatizações. Uma nova etapa do Programa de Investimento em Logística (PIL) prevê as concessões do aeroporto de Florianópolis e de trechos das BRs 101, 282, 470, 153 e 280. É pouco. A FIESC pleiteia a inclusão dos trechos da

BR-282 entre Irani e Campos Novos e entre Chapecó e São Miguel do Oeste; do trecho da BR-158 que vai do entroncamento com a BR-282 à divisa com o Rio Grande do Sul; e do trecho da BR-470 entre os entroncamentos com as BRs 282 e 116.

Além de cobrar soluções do setor público, a FIESC apresenta alternativas. Uma delas é o incentivo à navegação de cabotagem, realizada entre os portos do País e capaz de reduzir os custos logísticos (leia o box). Outra frente é no estímulo à realização de Parcerias Público-Privadas para projetos de infraestrutura. Santa Catarina foi o primeiro Estado brasileiro a ter uma lei própria para as PPPs, há mais de 10 anos, mas até hoje nenhum projeto saiu do papel. Ainda há uma longa estrada a percorrer até que a infraestrutura catarinense encontre seu rumo. ■



O CORONEL NETO ARRISCOU
A PRÓPRIA VIDA PARA **SALVAR**
AS VÍTIMAS DA TRAGÉDIA DO
MORRO DO BAÚ. SAIBA MAIS EM:
GENTEQUEFAZADIFERENÇA.SC.GOV.BR

**GENTE QUE
FAZ
A
DIFERENÇA**



ASSEMBLEIA LEGISLATIVA
DO ESTADO DE SANTA CATARINA

Trânsito na região de Itajaí: é possível desafogar

A um passo do

A DUPLICAÇÃO DO TRECHO NORTE DA BR-101 ACELEROU O DESENVOLVIMENTO REGIONAL, MAS A ESTRADA JÁ FICOU OBSOLETA. UM PACOTE DE 137 OBRAS PRIORITÁRIAS PODE EQUACIONAR O PROBLEMA

Por **Mauro Geres**

O trecho Norte da BR-101 em Santa Catarina, entre a Grande Florianópolis e a divisa com o Paraná, teve sua duplicação concluída em 2000. O que ocorreu na região foi uma prova da importância que boa infraestrutura tem para o processo de desenvolvimento. Desde

então se instalaram nas cercanias da rodovia indústrias como Takata, Marcegaglia, Cebrace, ArcelorMittal, General Motors, LS MTron e BMW. O Porto de Itapoá foi erguido e o complexo portuário de Itajaí ampliado, com a movimentação de contêineres crescendo quase 70% em 10 anos. A economia de Itajaí avolumou-se ao ponto de a cidade passar a ostentar o maior PIB do Estado, à frente de Joinville e Florianópolis, que também ficam na região. Seis cidades cortadas ou localizadas nas proximidades da rodovia estão entre as de maior crescimento populacional nos últimos anos, segundo o IBGE: Araquari, Itapema, Itapoá, Bombinhas, Piçarras e Navegantes. De outro lado o Sul do Estado, cujo trecho da BR-101 não teve a duplicação concluída até hoje, amargou perdas bilionárias em investimentos que deixaram de ser



MARCHA LENTA

216 KM

**Extensão do trecho
Norte da BR-101**

50 MIL

**Tráfego diário de veículos
(40% são caminhões)**

45 KM/H

**Velocidade média dos
veículos de carga**

8.901(*)

**Número de acidentes em 2014
(4.644 feridos e 145 mortos)**

(*) Dados válidos para toda a extensão da BR-101/376

colapso

EDSON JUNKES

feitos e em riquezas que deixaram de ser geradas, segundo um estudo da Unisul e da FIESC.

Mas quem trafega pelo trecho Norte sabe que ele já chegou a um novo limite e que precisa ser novamente ampliado, sob risco de anulação dos benefícios obtidos. Foi o que motivou a FIESC, por meio de sua Câmara de Assuntos de Transporte e Logística, a elaborar o projeto BR-101 do Futuro. O objetivo é buscar soluções para dar mais agilidade ao tráfego e aumentar a segurança dos usuários. O estudo sugere 137 obras prioritárias a serem executadas em até sete anos, com custo estimado de R\$ 2,6 bilhões. "É urgente acharmos um caminho para não perdermos competitividade", alerta Mario Cezar de Aguiar, presidente da Câmara e vice-presidente da FIESC.

O projeto prevê, entre outros itens, a cons-

trução de três pontes, um novo túnel no Morro do Boi, vias marginais ou terceiras faixas em vários trechos e ainda um investimento de R\$ 700 milhões no chamado eixão de Florianópolis, com obras de ampliação da capacidade entre Biguaçu e Palhoça. Também está contemplada a instalação de mais duas caixas de escape na descida da BR-376, no Paraná, um dos pontos de alto risco de acidentes envolvendo caminhões desgovernados na descida da serra. A caixa de escape já existente evitou acidentes com mais de 120 caminhões desde 2011. "Essas obras são vitais para a segurança dos usuários e ainda poderão resolver os problemas de congestionamento em vários pontos", afirma Pedro Lopes, presidente da Federação das Empresas de Transporte e Logística no Estado de Santa Catarina (Fetrancesc). →

PONTOS CRÍTICOS

Trechos da BR-101 Norte que estão entre os mais perigosos do País

- BR-101
- BR-470
- BR-282

Fonte: PRF

- De Navegantes a Itajaí (Km 110 ao 120)
- Em Balneário Camboriú (Km 130 ao 140)
- De Biguaçu a São José (Km 190 ao 200)
- Em São José (Km 200 ao 210)
- De São José a Palhoça (Km 210 ao 220)
- Em Navegantes(*) (Km zero ao 10)
- Entre Florianópolis e São José(*) (Km zero ao 10)

(*) Trechos de outras rodovias federais que se ligam à BR-101

no nível "E", com os veículos operando com um mínimo de espaço para ser mantido um fluxo uniforme de 2.200 veículos/hora/faixa com velocidade média inferior aos 50 km/h. Considerada a principal referência bibliográfica sobre capacidade viária no mundo, a escala tem no nível "F" seu estágio final e corresponde ao colapso total das vias. Ou seja, a rodovia catarinense já está a um passo do colapso.

Sem recursos

Além da perda de competitividade decorrente, perdem-se vidas. Levantamento da Polícia Rodoviária Federal

O projeto foi discutido por um Grupo Paritário de Trabalho criado pela Agência Nacional de Transporte Terrestre (ANTT). Levantamentos realizados detalharam o que os usuários da rodovia sentem na pele. Os caminhões representam 40% do fluxo diário de 50 mil veículos que percorrem o trecho entre Palhoça e a divisa do Paraná. Isso significa que o fluxo dobrou desde a duplicação. Pior: na alta temporada turística 80 mil veículos trafegam pelo trecho. Com pontos de congestionamentos constantes entre Palhoça e Biguaçu, de Balneário Camboriú a Itapema, em Itajaí e na travessia de Joinville, a Fetranesc calcula que a velocidade média dos veículos de carga fique na faixa dos 45 km/h.

Um estudo elaborado sob a ótica do Highway Capacity Manual (HCM) – um conjunto de métodos para a segmentação, caracterização e classificação de trechos rodoviários – reforça a informação. Ele mostra que a capacidade da estrada está classificada, em quase todos os seus segmentos,

inclui cinco trechos da BR-101 Norte na lista dos 100 pontos mais perigosos entre as rodovias federais do Brasil (veja o mapa). Na média, entre 2012 e 2014, foram registrados 9.243 acidentes por ano, o equivalente a mais de uma ocorrência a cada hora, o que se reflete na formação de mais filas e na redução da velocidade média dos veículos. Os totais de feridos graves e leves no período, respectivamente, 11.693 e 2.750, e de vítimas fatais – 514 – evidenciam a necessidade da execução de obras com urgência.

Mas, para que o projeto saia do papel, ainda resta saber quem vai pagar a conta. Caso seja executado integralmente pela concessionária, o pacote de obras terá reflexo no valor do pedágio, podendo elevar a tarifa do atual R\$ 1,90 para cerca de R\$ 3,30. "Não somos favoráveis ao repasse de mais custos para a sociedade, mas como o Governo não tem recursos esta é a saída para termos segurança e eficiência", argumenta Aguiar. ■

ESCOLHA SENAI



OLIMPIÁDA DO
CONHECIMENTO
SENAI

DE 26 A 30 DE OUTUBRO.

SENAI BLUMENAU | SENAI JARAGUÁ DO SUL
SENAI JOINVILLE | SENAI SÃO BENTO DO SUL



**COMPAREÇA.
ENTRADA FRANCA**



Movimento
A Indústria
pela Educação

FIESC SENAI



*Aumento da
longevidade requer
investimento em
prevenção de
doenças crônicas*



A indústria longa-vida

O TRABALHO ADOECE AS PESSOAS OU GERA BEM-ESTAR? EMPRESAS DESCOBREM QUE INVESTIR NA SEGUNDA OPÇÃO PARA MANTER TRABALHADORES SAUDÁVEIS E PRODUTIVOS POR MUITO TEMPO PROPORCIONA ALTAS TAXAS DE RETORNO – PARA AS EMPRESAS E PARA OS EMPREGADOS

Por **Vladimir Brandão**

Trabalho tem tudo a ver com os valores positivos de realização pessoal, sustento material e dignidade. É central na vida das pessoas e o mais poderoso veículo para a inclusão social em nossos tempos. Mas o trabalho, conceito complexo que é, possui também um “lado negro” associado ao sofrimento, cuja origem remonta aos tempos bíblicos. Basta lembrar que Deus teria condenado a humanidade a “ganhar o pão com o suor do

rosto” como punição para o pecado original. A escravidão perdeu por milênios e, em passado recente, no início da Revolução Industrial, o trabalho nas fábricas era desumano. Ainda hoje, mesmo extremamente regulamentado, o trabalho na indústria é apontado como causa de doenças físicas e mentais e de acidentes graves. Mas cresce no mundo inteiro, dentro das próprias indústrias, um movimento que pretende subverter essa relação. “O trabalho não deve →



ARQUIVO FIESC

Côrte, presidente da FIESC, no Global Healthy Workplace: embaixador global para o bem-estar

tornar as pessoas doentes. Pelo contrário, deve ser um vetor para gerar bem-estar. Essa é uma grande mudança de consciência, de cultura, que a indústria começa a incorporar”, afirma Fabrizio Machado Pereira, superintendente do SESI-SC.

Esse movimento fincou raízes em Santa Catarina em maio com a realização, em Florianópolis, do 3º Global Healthy Workplace Awards & Summit, um dos principais encontros mundiais de lideranças empresariais e especialistas em bem-estar no trabalho, do qual também partici-

param cerca de 50 empresários e executivos de indústrias catarinenses. O evento foi organizado pelo Centro Mundial para Ambientes de Trabalho Saudáveis (GCHW, na sigla em inglês) e patrocinado pela FIESC.

As várias pesquisas apresentadas e as exposições de casos de companhias como Unilever, GlaxoSmithKline e Chevron convergem para uma síntese muito clara: a gestão da qualidade de vida no ambiente de trabalho é, por qualquer ângulo que se olhe, um excelente negócio para as empresas. Quando bem-feita, proporciona altas taxas de retorno sobre o investimento na forma de redução de custos com a saúde e aumento da produtividade, além de atrair e reter os melhores profissionais e melhorar a imagem da organização. Outra conclusão importante desmistifica a ideia corrente de que ambientes de trabalho são, por natureza, nocivos à saúde. A verdade é que, se organizados da maneira correta, eles podem se tornar ambientes ótimos para a difusão e adoção de práticas de bem-estar, especialmente no combate às doenças crônicas, mesmo que elas sejam de origem não-ocupacional.

“Ao incorporar a saúde como componente estratégico da gestão, as empresas obtêm re-



LIDERANÇA

“ A criação de uma cultura de qualidade de vida na empresa depende da liderança. Ela é que tornará o tema estratégico, alocará recursos e servirá de exemplo para todos”

Robert Karch, fundador do *International Institute of Health Promotion*



sultados extremamente positivos, com reflexos surpreendentes na produtividade e no bem-estar dos trabalhadores”, diz o presidente da FIESC Glauco José Côrte, que foi nomeado, ao final do encontro, Embaixador Global para a Promoção da Saúde e do Bem-Estar no Ambiente de Trabalho. A FIESC passou a integrar o conselho consultivo mundial sobre o assunto formalizado durante o evento e participará da criação de um observatório para monitorar estudos e boas práticas internacionais. “A saúde está se tornando a nova fronteira para a competitividade das empresas, como foram há algum tempo a qualidade, a sustentabilidade e a inovação. Estamos entrando em uma nova agenda”, afirma Fabrizio Pereira.

Tomada de consciência

A nova tendência é uma resposta da indústria a uma série de desafios que se apresentam para as empresas e o conjunto da sociedade. O ponto de partida para a tomada de consciência é o constante e alarmantemente insustentável

aumento de custos das empresas com saúde. No Brasil, os custos com planos de saúde correspondem a 11% das folhas de pagamentos, sendo o segundo maior custo da área social das empresas, de acordo com o SESI Nacional. No ano passado eles foram 18% maiores do que o registrado no ano anterior, um aumento três vezes maior que a inflação. O mesmo percentual deverá ser aplicado neste ano. Isso sem falar em outros custos, gerados pelo absenteísmo (35 milhões de dias de trabalho perdidos por ano no Brasil), o presenteísmo (baixa produtividade no trabalho) e encargos previdenciários pagos pela indústria de acordo com a ocorrência de acidentes e afastamentos.

A saúde precária do trabalhador também é um problemão para a saúde pública e a Previdência Social. Há nada menos que 2,5 milhões de pessoas afastadas do trabalho hoje no País, o que gera um custo de R\$ 70 bilhões somente em 2015. Trata-se de um montante equivalente ao total de cortes realizados no orçamento do País neste ano, em nome do ajuste fiscal. O pior



DESPESAS PROFUNDAS

O iceberg dos custos da (falta de) saúde dos trabalhadores

CUSTOS DIRETOS

30%

US\$ 23,7 BILHÕES

Gastos diretos com problemas de saúde (2010-2014)

11% da folha de pagamentos é consumida com planos de saúde

18% Inflação anual dos serviços

CUSTOS DECORRENTES DAS PERDAS POR ABSENTEÍSMO E PRESENTEÍSMO

70%

Obs.: No Brasil

Fontes: SESI e HealthNext



EDSON JUNKEIS

Lucchesi, do Sesi: quando tiverem noção dos benefícios, empresas investirão na direção correta

é que apenas uma pequena fração dessa força de trabalho colossal retorna logo ao serviço. “Em 2015 deveremos ter 120 mil trabalhadores afastados, mas somente 15 mil serão reabilitados. Temos um fluxo crescente de afastamentos e nos falta infraestrutura de reabilitação”, diz Rafael Lucchesi, diretor do Sesi Nacional.

Tudo somado, estima-se que o Brasil gaste 10% de seu PIB com saúde e que o setor privado arque com 60% desses custos. As profundas mudanças estruturais por que passa a sociedade brasileira trarão consequências ainda mais graves em um futuro próximo. Um dos motivos do crescimento dos custos da saúde é o aumento da longevidade.

de. Em Santa Catarina, estado campeão neste quesito, a expectativa de vida ao nascer é de 78 anos.

Trata-se, evidentemente, de uma excelente notícia para quem está vivendo mais, mas o benefício tem um custo.

Aquela antiga imagem da pirâmide populacional brasileira, com a base larga representando os jovens, deformou-se completamente. A cada ano 700 mil pessoas cruzam a barreira dos 60 anos de idade, engordando o topo. A base decresce com a redução da natalidade. Dentre outras consequências previsíveis haverá pressão cada vez maior sobre o sistema previdenciário, com mais pessoas querendo se aposentar. Por hora, o Brasil vive o chamado “bônus demográfico”, o que dá condições de sustentação ao sistema. Porém, o bônus está no fim (leia o box).

Transição epidemiológica

Em 2022, de acordo com estimativa do Sesi catarinense, um terço da força de trabalho do Estado terá mais de 40 anos e 17% terão mais de 50. A transição demográfica ocorre paralelamente a uma transição epidemiológica. A despeito

de flagelos como a dengue, não são mais os males causados por vírus e bactérias os principais vilões da saúde, como outrora. Hoje a predominância é das doenças crônicas, tais como hipertensão arterial, diabetes e obesidade, que causaram 72% das mortes no Brasil em 2007.

Doenças crônicas são também mortais para a eficiência do trabalho. Segundo o Fórum Econômico Mundial, os fatores que mais afetam o desempenho são relaciona-

.....

52,5%
dos brasileiros estão
acima do peso

17,9%
estão obesos

Fonte: Ministério da Saúde



dos ao estilo de vida, o que inclui distúrbio de sono, dores nas costas e no pescoço, colesterol alto, ansiedade e hipertensão. A obesidade simplesmente dobra as chances de um trabalhador ficar incapacitado. Na Celesc, distribuidora de energia em Santa Catarina, o problema atingiu diversos funcionários que devido ao excesso de peso não podiam mais usar os equipamentos

de segurança para trabalho em altura, o que motivou a adoção de um programa nutricional na companhia. Mais da metade dos brasileiros está acima do peso e 18% são obesos. “Na indústria, estima-se que 84% dos adoecimentos são de natureza não-ocupacional, sendo a maioria delas relacionadas a estilos de vida inadequados”, explica Eloir Edilson Simm, diretor técnico do →

O segredo da pirâmide

Bônus demográfico brasileiro já está acabando e o futuro requer providências

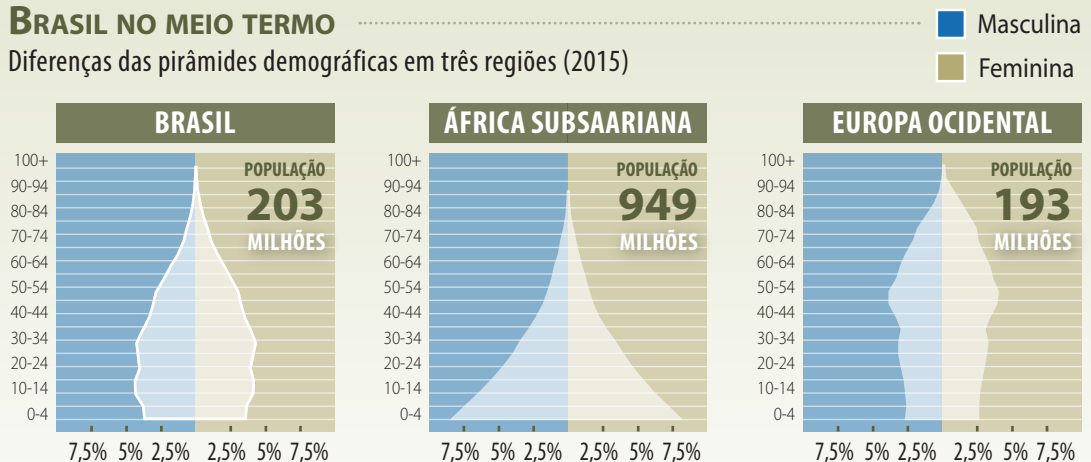
Por volta de 1970, a pirâmide etária brasileira era parecida com a da África Subsaariana de hoje (veja os gráficos). Havia então muita gente fora do mercado de trabalho, principalmente crianças, representadas pela base da pirâmide. Como consequência, a renda do trabalho tinha que ser dividida por três, fator que dificultava a formação de poupança e o investimento, limitando as chances de crescimento econômico. Mas a estrutura etária brasileira mudou rapidamente desde então, trazendo uma chance de ouro para o País. Hoje em dia, com mais gente

trabalhando e a renda do trabalho sendo dividida por apenas dois, o Brasil vive o chamado bônus demográfico. Que, infelizmente, está sendo muito mal aproveitado, já que o investimento segue baixíssimo e o cenário é de recessão.

Graças ao envelhecimento da população, a estrutura etária do Brasil caminha para moldes mais parecidos com o da Europa Ocidental. Em cerca de 15 anos as oportunidades oferecidas pelo bônus deixarão de existir. O jeito de enfrentar o problema é fazer com que a população envelheça com mais saúde e trabalhe por mais tempo. O desafio é global. “Os sistemas de previdência no mundo todo enfrentam grandes desafios de sustentabilidade”, afirma Eloir Simm, presidente da Associação Brasileira da Qualidade de Vida.

BRASIL NO MEIO TERMO

Diferenças das pirâmides demográficas em três regiões (2015)



Obs: Faixas etárias e % da população. Fonte: populationpyramid.net



EDSON JUNKE

Wohlers, da BMW brasileira: "Não queremos que os trabalhadores saiam da empresa"

suir diagnóstico médico de colesterol alto. Entre as pessoas com mais de 55 anos, a incidência sobe para 35%. É de se esperar, portanto, que

com o irrefreável envelhecimento da população haja crescimento dessas doenças, como de fato já se observa. A conta cada vez mais salgada da saúde tem origem, portanto, no envelhecimento populacional não saudável, além de outros fatores. Diante disso o Governo transfere responsabilidades para o setor privado e fiscaliza mais, enquanto os planos de saúde aumentam mensalidades. "No futuro, poucas empresas estarão preparadas para pagar as contas de custos com a saúde, a menos que se antecipem e cuidem dos seus trabalhadores", diz Glauco José Côrte, presidente da FIESC.

Este é o ponto. A depender da forma com que as empresas enfrentarão a questão daqui para frente, a conta poderá até diminuir. Para obter esse benefício, a palavra de ordem é prevenção. Ao invés de orientar os esforços para cuidar de funcionários doentes, o negócio é manter os quadros saudáveis e produtivos, aptos a trabalhar por mais tempo. Só que para se chegar a esse estágio ainda são necessárias mudanças profundas em todo o mundo. Segundo estudo da HealthPartners, nos EUA, 88% dos investimentos das empresas na área são gastos em serviços médicos e apenas 4% vão para o estímulo a comportamentos saudáveis. "Mas nós vamos ganhar mais investindo em pessoas saudáveis, não nas doentes", afirma Nicolas Pronk, pesquisador da HealthPartners. "Quando a indústria conseguir enxergar isso ela investirá na direção certa, porque os benefícios são muito evidentes", diz Lucchesi.

Como faz o BMW Group, da Alemanha, que em apenas dois anos terá 40% de sua força de

SESI-SC e presidente da Associação Brasileira da Qualidade de Vida (ABQV). É claro que essas doenças tendem a ser mais insidiosas com o avançar da idade. Segundo o Ministério da Saúde, um total de 20% da população brasileira afirma pos-

RETORNO

Para cada redução de US\$ 1.000 nos custos médicos (em função da melhora dos indicadores de saúde) a produção da empresa é ampliada em US\$ 2.000"

Ray Fabius, consultor da HealthNext



trabalho com mais de 50 anos de idade. Para lidar com isso a companhia possui um programa para gestão das mudanças demográficas que inclui adaptações nas fábricas e incentivos para adoção de hábitos saudáveis, dentro de uma filosofia de saúde integral. “A companhia usa vários recursos para incentivar hábitos saudáveis e cobra das lideranças a responsabilidade sobre a saúde em seus setores”, afirma Edison Wohlers, gerente de saúde e segurança do trabalho da BMW Brasil. Instalada em Araquari, no Norte catarinense, há menos de um ano, a montadora inicia trabalho semelhante no Brasil, onde tem 1.200 funcionários diretos e indiretos. “O objetivo é fazer com que os colaboradores trabalhem muitos anos na empresa, de uma maneira saudável e produtiva”, explica Wohlers. “É difícil entrar na BMW, mas também é difícil sair. Nós não queremos que as pessoas saiam.”

Funcionário da BMW na Alemanha: em breve, 40% da força de trabalho terá mais de 50 anos



DIVULGAÇÃO

Engajamento transformador

A ideia já contagiou grandes grupos ao redor do mundo. O Global Healthy Workplace premiou empresas pela qualidade das ações promotoras do bem-estar no trabalho. A britânica GlaxoSmithKline destacou-se por conseguir mapear os riscos a que estão expostos todos os seus 100 mil trabalhadores em 115 países por meio de uma pesquisa própria, e assim atuar de forma mais efetiva para reduzi-los. O êxito do programa deveu-se ao engajamento das lideranças em vários níveis. “Nós aumentamos a responsabilidade e a consciência das lideranças pois são elas, e não as funções de suporte, as responsáveis pela saúde dos trabalhadores. Isso foi transformador para a companhia”, conta o diretor médico Ron Joines.

O banco dinamarquês Lan Spar, de 400 fun-

cionários, criou em 2009 o programa Banco em Movimento com uma série de ações para chacoalhar a empresa, que havia sido vitimada pela crise econômica mundial. O objetivo era melhorar a saúde física e mental e elevar o moral dos funcionários além de, evidentemente, melhorar os resultados da companhia. “Queremos que as pessoas tenham uma vida boa com o trabalho, que cheguem entusiasmadas, trabalhem e voltem para casa entusiasmadas”, diz o vice-presidente Keld Thornaes. Uma das provas de que o ânimo foi redobrado é a redução pela metade do índice de absenteísmo. Antes a média era de oito dias de trabalho perdidos por cada funcionário no ano; hoje é de 3,9 dias. A produtividade também subiu, de acordo com Thornaes, e ajudou a triplicar as receitas do banco desde então. →

Um dos maiores desafios para quem investe em programas de saúde e bem-estar é mensurar o retorno sobre o investimento. A parte do retorno referente à redução de despesas com planos de saúde e de perdas com absenteísmo é fácil de constatar. Mas a parte referente ao presenteísmo, ou seja, à variação de produtividade dos funcionários em função de melhoria da saúde física e mental – como foi observado no Lan Spar Bank –, é mais difícil. A Unilever, premiada no Global Healthy Workplace graças a um programa aplicado no Brasil, país em que mantém 14 mil dos 170 mil funcionários, chegou a números impressionantes com a aplicação de uma metodologia inovadora.

Peso do presenteísmo

“Os custos do presenteísmo chegam a ser quase quatro vezes maiores que os de absenteísmo. Dentre todos os custos com a saúde é o que nos traz mais perdas”, afirma Elaine Molina, diretora médica e de saúde ocupacional da Unilever Brasil.

PREVIDÊNCIA

“Atualmente, seis jovens trabalhando sustentam uma pessoa aposentada. Em 2030, dois jovens sustentarão um aposentado. Precisamos auxiliar os trabalhadores mais velhos a se manterem saudáveis e trabalhando por mais tempo”



Sim Beng Khoo, diretor do Ministério da Saúde de Cingapura

Além da baixa produtividade, o presenteísmo causa perdas muito mais graves. Ele pode estar na origem, por exemplo, de acidentes de trabalho com causas inexplicáveis. “Muito embora se ofereça os melhores ambientes de trabalho possíveis, acidentes acontecem. Quando vamos investigar, constatamos que alguma coisa estava desconectada no

Mentes improdutivas

Subestimadas pelas empresas, patologias mentais afligem dois em cada dez trabalhadores no mundo

Na Sincol, indústria do ramo madeireiro de Caçador, cerca de 18% de um grupo de 340 trabalhadores enfrentava um nível elevado de estresse, segundo detectou um programa desenvolvido pelo SESI na empresa. Afora esses casos extremados, quase todos os empregados sofriam de estresse em algum nível. O programa conseguiu reduzir os casos graves para 3,3% e elevou para 58% a proporção dos que se dizem totalmente livres de estresse. O caso chama a



Funcionário da Sincol: estresse reduzido



funcionário, ele não estava presente de verdade”, diz Molina.

O programa de bem-estar desenvolvido pela empresa inclui inovações como o Gym Pass, que dá acesso aos funcionários a 1.200 academias em todo o Brasil. O sistema ajudou a elevar o nível de atividade física da empresa de 23% para 64% do total. Com isso o risco cardíaco reduziu-se em 50%. O programa da Unilever tem três pilares: atenção aos aspectos físico, emocional e mental, sendo que estas duas últimas dimensões são foco de preocupação crescente em todo o mundo (leia o box). Para atender a essas demandas a companhia investe em horários flexíveis de trabalho, ambientes abertos e suporte financeiro, social, jurídico e psicológico dos trabalhadores. Há ainda 12 serviços de saúde e 92 médicos e enfermeiros disponíveis para atender qualquer problema de saúde dos funcionários, 24 horas por dia.

A manutenção disso tudo custa caro, mas o importante é que as taxas de retorno são de fazer

Elaine Molina, da Unilever: retorno de seis para um nos investimentos em bem-estar



EDSON JUNKES

atenção para a questão das doenças mentais e emocionais nas organizações. É um problema silencioso e perigoso, quase sempre ignorado. A incidência de transtornos como estresse, ansiedade e depressão é fator de baixa produtividade e pode estar na origem de acidentes de trabalho de causa aparentemente inexplicável. Segundo a consultoria americana HealthNext, dentre todas as doenças físicas e mentais, é a depressão a que custa mais caro para as empresas, considerando despesas médicas e perdas com absenteísmo e presenteísmo.

“Todas as empresas, mesmo as que têm os aspectos físicos do ambiente de trabalho bem resolvidos, enfrentam um aumento das pato-

logias mentais”, afirma Elaine Molina, diretora da Unilever. Pesquisa da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) aponta que 20% das pessoas em idade de trabalhar possuem alguma doença mental. Há países em que a proporção é de mais de 50%. Outra pesquisa, da consultoria International Health Consulting, detecta altos níveis de estresse em 34% das empresas brasileiras. “A questão da saúde mental está em toda parte, mas era mal entendida e subestimada”, diz Shruti Singh, da OCDE. Pior do que o estresse do trabalho é o da falta dele. A incidência de doenças mentais entre desempregados é duas vezes maior do que entre os que têm trabalho.



ARQUIVO FIEESC

inveja até mesmo a *startups* tecnológicas. Para cada euro investido pela Unilever em 2013/14, a companhia obteve 4,42 de retorno. No período seguinte o ROI (sigla para retorno sobre o investimento, em inglês) aumentou: 6,48 euros. A proporção de retorno de seis para um nos investimentos em saúde, tão meticulosamente medida na Unilever, encontra respaldo em vários estudos científicos já realizados, segundo Nicolas Pronk, da HealthPartners. Mas não é um número mágico, que se aplica a qualquer ação. “Sempre me perguntam se programas de saúde dão retorno. A resposta é óbvia: os bons programas dão,

os ruins não”, diz Pronk. Mas o que determina se um programa é bom ou

ruim? Não existem fórmulas acabadas, replicáveis a todas as organizações, mas em alguns fundamentos a maior parte dos especialistas concorda.

Um terço da força de trabalho da indústria catarinense terá mais de 40 anos em 2022

Informações relevantes

De acordo com o consultor Alberto Ogata, é importante usar de maneira mais eficiente os recursos que as empresas já possuem. “É o caso de aproveitar a CIPA (Comissão Interna de Prevenção de Acidentes), os exames periódicos e outros recursos para avaliar o que o trabalhador está sentindo, quais as condições de vida dele e procurar melhorar o seu estado de saúde e de bem-estar”, diz Ogata. “Muitas vezes não se trata de realizar um novo investimento, mas sim de usar o que já se tem até mesmo por imposição legal de maneira focada, com o auxílio de ferramentas de gestão.”

A boa gestão da informação é algo valioso neste ramo. Além de obter as informações relevantes sobre o estado de saúde dos trabalhadores por meio de exames e pesquisas, as empresas precisam organizá-las, qualificá-las e interligá-las. Só



BEM-ESTAR

“Quem gosta do que faz, tem boa saúde, boa vida social e comunitária e finanças em ordem é mais engajado, produtivo e falta 45% menos ao trabalho. É preciso entender e atacar as barreiras ao engajamento dos trabalhadores”

Andrew Rzepa, consultor-sênior do Gallup



assim poderão determinar quais são os grupos de risco e quem os integra, e dirigir ações efetivas à resolução dos problemas. Chama-se a isso de gestão por indicadores, que permite acompanhamento individualizado e avaliação dos resultados. Mas de pouco adianta ter tanta informação sem uma boa comunicação com os trabalhadores, senão eles simplesmente não aderem aos programas de qualidade de vida – no mercado, calcula-se que a taxa de adesão no Brasil seja de apenas 20%.

Mas para dar certo é necessário que, acima de tudo, o assunto seja encarado como estratégico para a empresa, contando com o engajamento efetivo – para não dizer apaixonado – das lideranças em todos os níveis. “É essencial que exista um alinhamento estratégico com a identidade e a aspiração das companhias; do contrário não funciona”, sublinha Pronk. É assim que a saúde se inscreve no DNA da empresa e não fica confinada a

GESTÃO DA SAÚDE

“Muitas empresas não têm noção de quanto pagam de fator acidentário, de custos médicos, se tem taxa de sinistralidade e plano de saúde adequado ou não, quando isso deveria estar na pauta do dia dos seus principais dirigentes”



Fabrizio Machado Pereira,
superintendente do SESI-SC

iniciativas isoladas que pouco ou nada resolvem. A realidade brasileira, infelizmente, tem se revelado hostil ao amadurecimento desse conceito. “Há no Brasil a tendência de aumentar a segurança do trabalho através de normas regulamentadoras



PRODUZINDO UM
FUTURO SEGURO

O INDÚSTRIAPREV é um plano instituído de previdência complementar, exclusivo para os empresários, dirigentes e trabalhadores da indústria catarinense.

Contate nossos consultores e tenha um futuro seguro.

FIESC **CIESC**
A FORÇA DA INDÚSTRIA CATARINENSE

PREVISC
PREVIDÊNCIA COMPLEMENTAR



0800 48 8088

www.previsc.com.br/industriaprev
atendimento@previsc.com.br

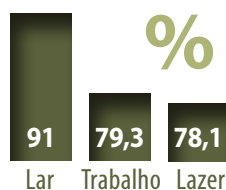
Dá para melhorar

Como é a qualidade de vida do trabalhador catarinense

O SESI catarinense desenvolveu uma metodologia para averiguar o bem-estar do trabalhador industrial catarinense, o Índice de Qualidade de Vida (IQV). Neste ano concluiu-se a segunda pesquisa – a primeira havia sido realizada em 2012. Desde então houve um pequeno crescimento no índice, que ficou em 6,36 (numa escala de zero a 10), contra 6,32 em 2012. Segundo a percepção dos próprios trabalhadores, 77,3% avaliam positivamente a sua qualidade de vida, sendo que essa percepção é mais alta entre os mais velhos e as mulheres. Considerando-se as três dimensões da vida, a sensação de bem-estar é mais alta em casa do que no trabalho e nos momentos de lazer (veja o quadro).

Os resultados indicam áreas em que há espaço para melhorias nas empresas e para orientação das próprias ações do SESI. Nos programas de estilo de vida saudável, por exemplo, merecem mais atenção a atividade física, a boa alimentação e o controle do estresse. Quanto ao ambiente de trabalho, há demanda por melhorar as condições de ruído e temperatura nas fábricas, por mais chances de crescimento profissional e por melhor remuneração. Também é preciso criar oportunidades para ocupação do tempo livre com maior significado para as pessoas.

PERCEPÇÃO POSITIVA DE BEM-ESTAR



Fonte: SESI – IQV 2015



EDSON JUNKES

Ambiente industrial: segurança é rígida, mas falta incentivo à cultura de bem-estar

que criam um ambiente de muita dificuldade legal. Por outro lado,

é proibido estabelecer metas de distribuição de lucro relacionadas à saúde”, afirma Rafael Lucchesi, do SESI Nacional. “As ações nesta área são desordenadas, sem que haja uma ação forte para a construção de uma verdadeira cultura de saúde e bem-estar nas empresas.”

Novo ferramental

É nesse vácuo que o SESI busca se posicionar. Em sua história, o Serviço Social da Indústria passou pelas fases de simples assistência social, que depois evoluiu para a prestação de serviços de atendimento clínico de segurança e saúde do trabalho. Atualmente, no terceiro estágio, são duas as frentes de atuação. Uma delas é voltada ao atendimento de pequenas empresas que não têm estrutura própria e precisam de soluções em SST rápidas e acessíveis. Um exemplo desse serviço é o *check list* de 300 itens que cobrem as 36 normas regulamentadoras do Ministério do Trabalho, para que a empresa possa verificar quais



FOTOS: ARQUIVO FIESC



são as suas lacunas e tomar as medidas necessárias. Nesse caso conta muito, além da *expertise* do SESI, sua capilaridade. A instituição possui mais de mil unidades espalhadas pelo País e ainda realiza esse tipo de atendimento remotamente.

A outra frente de atuação do SESI é a de ganhos de produtividade por meio da gestão da saúde nas companhias. O novo ferramental para dar eficácia a programas de qualidade de vida já está sendo incorporado em várias in-

dústrias de Santa Catarina, dentre elas a Tractebel, a Tigre e a Lunender, de Jaraguá do Sul. O sistema chamado Gestão Integrada da Saúde permite, entre outras coisas, determinar fatores de risco e identificar grupos de risco dentro das empresas, ajustando o foco e o alcance das ações para que tenham efetividade. “É um trabalho de inteligência na área de gestão para melhorar a saúde dos trabalhadores e o ambiente de trabalho”, define Fabrizio Pereira, do SESI catarinense.

Indústria deve incentivar alimentação saudável, exercícios e controle do estresse

A extensão do trabalho do SESI não se limita ao universo das indústrias. A instituição costura parcerias com o setor público em várias frentes. Uma delas deverá permitir que a base de informações sobre a saúde dos 12 milhões de trabalhadores da indústria possa ser articulada com a formulação de políticas públicas. Outra parceria pretende fazer com que o índice de trabalhadores reabilitados após afastamentos suba consideravelmente. A indústria propõe a agenda da saúde para ganhar competitividade e evitar um colapso econômico e social. O nível de adesão de empresários, trabalhadores e setor público determinará se teremos um futuro saudável ou doente. ■

ASSIM FUNCIONA

Pilares para um programa de bem-estar de sucesso

Engajamento das lideranças em múltiplos níveis

Alinhamento estratégico com a identidade e aspirações da empresa

Projeto de escopo amplo e de alta relevância

Acessibilidade ampla

Parcerias externas e internas

Comunicação efetiva

Fonte: HealthPartners

Os jovens dão o “têm-têm” exemplo

Matheus Bonamigo tem 19 anos e, além de estudante, é professor. Ele faz graduação em Engenharia de Controle e Automação no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) e leciona para trabalhadores que chegam a ter o dobro de sua idade no SENAI em Chapecó. Seus alunos são funcionários de indústrias que fazem cursos de qualificação nas áreas de eletricidade, automação, hidráulica e pneumática. A troca de informações entre o jovem professor e suas turmas é enriquecedora. “Eu passo informações técnicas que eles não sabem ou têm dúvida, e eles me passam conhecimentos práticos que ainda não obtive de forma aprofundada”, afirma.

O jovem foi convidado a dar aulas na unidade de Chapecó após obter diploma de excelência na etapa nacional da Olimpíada do Conhecimento, uma competição de educação profissional realizada pelo SENAI a cada dois anos em que os jovens são desafiados a executar tarefas do dia a dia das empresas, dentro de prazos e padrões internacionais de qualidade. Seu plano é se empregar na indústria depois de se formar engenheiro e seguir lecionando. Atualmente, Bonamigo é um dos 32 Embaixadores da Educação em Santa Catarina. O

grupo integra o Movimento A Indústria pela Educação, da FIESC. Os embaixadores têm a missão de estimular, em suas regiões, uma ação mais colaborativa entre a escola e o mundo do trabalho.

Transição para o mercado

O exemplo de Bonamigo e o desafio dos Embaixadores da Educação são inspiradores na busca de estratégias para garantir uma formação sólida e uma transição bem-sucedida para o mercado de trabalho aos jovens brasileiros. Não é uma questão trivial num país em que 15,5% dos indivíduos entre 15 e 29 anos não estudam nem trabalham, a chamada geração nem-nem, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2012, do IBGE. Em Santa Catarina, o índice de jovens que não estudam nem participam da população economicamente ativa é menor, na casa dos 8,9%, mas ainda assim preocupante. Em oposição aos nem-nem, Bonamigo e os demais embaixadores têm estudo e têm empregabilidade, podendo, portanto, ser chamados de “têm-têm”. Além disso, eles têm disposição para trabalhar pela educação em suas regiões.

→

UM EM CADA SEIS BRASILEIROS DE 15 A 29 ANOS NEM ESTUDA NEM TRABALHA, FORMANDO A GERAÇÃO NEM-NEM. PARA DIMINUIR ESTE ÍNDICE, UM GRUPO DE CATARINENSES QUE TEM ESTUDO E EMPREGABILIDADE BUSCA INFLUENCIAR OS JOVENS DE SUAS REGIÕES

Por **Fabício Marques**

“Quero motivar os jovens a continuar com os estudos”

Matheus Bonamigo

19 anos, estudante de Engenharia e professor do SENAI

“Busco aproveitar as oportunidades que me surgem”

Daniela Lanzendorf Fernandes

23 anos, analista de RH e estudante de Psicologia

“Quero motivar os jovens a continuar com os estudos, não deixar que desistam”, diz Bonamigo.

No Brasil, 1,3 milhão de estudantes deixaram a escola em 2014, de acordo com o último censo escolar. É como se a cada 24 segundos um aluno abandonasse a sala de aula, um impacto estimado de R\$ 7 bilhões nos cofres públicos. Na raiz do problema há uma escola muito pouco atrativa para os estudantes, observa Mozart Neves Ramos, diretor do Instituto Ayrton Senna e parceiro da FIESC no Movimento A Indústria pela Educação. O problema torna-se perceptível nas séries finais do ensino fundamental. “Em vez de se formar com 14 anos, os alunos terminam em média com 15 anos e meio. No ensino médio, o problema se agrava. A evasão é elevada”, afirma. Cerca de 40% dos estudantes do ensino médio em Santa Catarina abandonam o curso antes da conclusão.

Essa multidão de jovens brasileiros sem forma-

ção adequada é um dos principais estímulos para a persistência dos nem-nem. Em 1992, o contingente chegava a 20% dos jovens de 15 a 29 anos. O índice caiu para 15% em 2002, mas se manteve nesse patamar em 2012, apesar do bom desempenho da economia brasileira ao longo desse

período. “Sem formação de qualidade, muitos jovens simplesmente não se qualificam para ocupar as vagas de trabalho disponíveis. É como se batessem no teto”, explica Mozart. A indústria está ávida por profissionais com boa formação, conforme mostrou o Mapa do Trabalho Industrial, feito pelo SENAI em 2012, que apontou a necessida-

de de formar 7,2 milhões de trabalhadores em nível técnico e em áreas de média qualificação para atuarem em profissões industriais até este ano.

“Pode ser que a retração na economia diminua essa necessidade, mas se o Brasil quiser retomar o caminho do crescimento a existência

15,5%
Proporção de jovens nem-nem no Brasil

8,9%
Índice de Santa Catarina

de gente qualificada será um fator crítico”, diz Mozart. Além do impacto na economia, há um problema social que se agrava. “Veja o caso da Região Nordeste. O PIB cresceu, mas a educação não avança na mesma velocidade. Não adianta ter crescimento econômico sem desenvolvimento humano. E o único vetor capaz de alinhar o PIB com o IDH é a educação.”

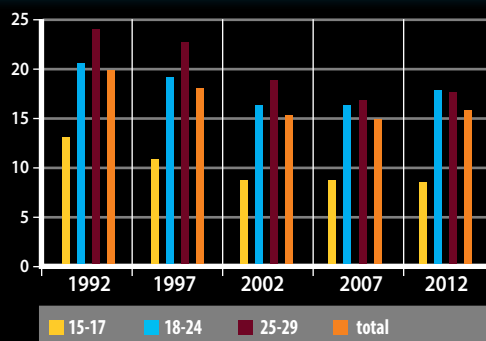
Outro fator determinante para a formação de um exército de nem-nem é a falta de emprego ou a oferta de postos de trabalho de baixa qualidade, aqueles muito mal remunerados ou que exigem menos do que o jovem tem a oferecer. “Se não consegue atrair os profissionais que precisa, a indústria deve avaliar se está oferecendo um emprego atrativo”, afirma Herton Ellery Araújo, pesquisador do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). “Na falta de gente qualificada, ela pode oferecer treinamento para profissionais que foram bem formados, mas não para as necessidades do mercado.”

Trabalho doméstico

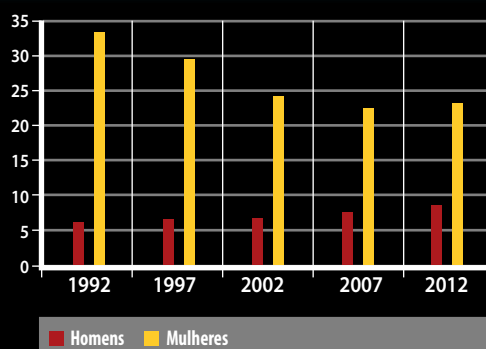
Dentro do fenômeno dos nem-nem, coexistem diversos problemas com causas distintas. Na faixa dos 15 aos 17 anos, a situação é especialmente preocupante, como já se viu, pois está associado à evasão escolar. “Os jovens desta idade deveriam estar estudando e ainda não trabalhando, mas deixaram a escola”, diz Araújo. A população extremamente pobre tem uma propensão maior de engrossar este grupo. Na fase seguinte, dos 18 aos 24 anos, os nem-nem são majoritariamente mulheres (25,8% do total das mulheres desta faixa, contra 13,3% dos homens). “Muitas delas deixam o mercado de trabalho, têm filhos e precisam cuidar da família. Na verdade, estão trabalhando, mas em casa”, afirma Herton. Na faixa seguinte, até os 29 anos a predominância feminina persiste, com 26,8% das mulheres e 10,8% dos homens. O pro-

RAIO X DOS NEM-NEM (% da população entre 15 e 29 anos)

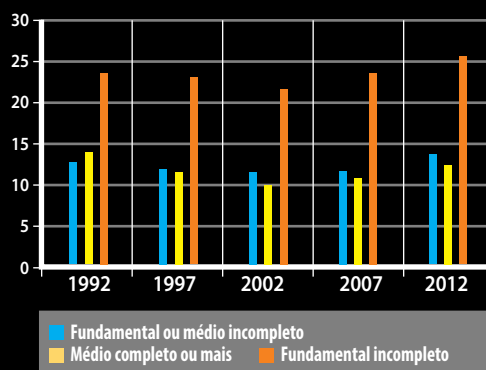
Proporção de jovens na situação voltou a subir



Problema afeta mais as mulheres



Distribuição por nível educacional





“Vou me tornar engenheiro com ou sem bolsa”

Lucas Wellerson Hoch
 17 anos, técnico em Mecatrônica. Está em treinamento no Centroweg

EDSON JUNIKES

O fenômeno dos nem-nem está longe de ser uma exclusividade do Brasil. Entre os 34 países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que reúne as nações mais industrializadas do mundo, 16% dos jovens de 15 a 29 anos estavam nessa condição em 2010, sendo que a taxa era de 18% entre as mulheres e 14% entre os homens. Nesses países, e em especial os mais atingidos pela crise financeira iniciada em 2008, como Grécia e Espa-

cupante, nesse caso, é a dificuldade de entrar no mercado de trabalho, já que não se trata mais de uma faixa etária de formação educacional.

Daniela Lanzendorf de Farias Fernandes, 23 anos, uma das Embaixadoras da Educação em Santa Catarina, estuda e trabalha. Em 2014 formou-se técnica em Recursos Humanos pelo SENAI em Tubarão. Ela então estagiava pela manhã, estudava no SENAI à tarde e cursava a faculdade de Psicologia à noite. “Busco aproveitar as oportunidades que me surgem”, conta Daniela. O curso técnico, que fez por meio do Pronatec, ela vislumbrou como um complemento ao curso de Psicologia, que faz com apoio do Prouni. Para concluir o técnico obteve um estágio numa fornecedora de vidros e esquadrias para a construção civil, a Vidroform. Convidou a chefe para assistir à defesa do trabalho de conclusão de curso e acabou efetivada como analista de RH. Casou-se recentemente e tem muitos planos para o futuro. “Meu projeto é inovar na empresa e seguir estudando, fazendo cursos de especialização e depois uma pós-graduação em gestão de pessoas”, diz Daniela.

nha, o problema atinge em grande medida jovens bem formados que não encontram oportunidades num mercado de trabalho em retração.

Tempo parcial

Na visão de Mozart Ramos, a superação do problema no Brasil passa por uma reforma do ensino básico, com a ampliação da escola integral, e uma nova abordagem para a educação profissional e tecnológica, capazes de reter os jovens na escola por mais tempo e garantir a eles uma formação mais sólida e apropriada para o mercado de trabalho. “É preciso tornar a escola mais atrativa, fazendo seu currículo dialogar com o mundo dos jovens. No ensino médio de hoje, o conteúdo é dado de forma aligeirada, em escolas de tempo parcial, sem levar em conta a qualidade dessa aula. Isso deixa muito a desejar e explica a evasão”, afirma. No campo da educação profissional e tecnológica, é necessário alinhar os interesses de alunos e empresas, criando cursos e estágios mais atraentes. “O Pronatec, por exem-

plo, peca por não oferecer cursos relacionados às demandas de arranjos produtivos locais. Os cursos também deveriam ser mais direcionados para indústrias de ponta, como os oferecidos pelo SENAI e por institutos tecnológicos. Não é à toa que se observa uma evasão significativa nos cursos do Pronatec.”

Existem exemplos bem-sucedidos, como o de Lucas Wellerson Hoch, de 17 anos, de Jaraguá do Sul, mostrando que é possível enfrentar o problema. Filho único de um borracheiro e de uma empregada doméstica que só concluíram o ensino médio depois de adultos, Lucas sempre foi estimulado pelos pais a estudar com afinco. Fez o ensino médio articulado com o Técnico em Mecatrônica no SENAI. Pelos corredores da escola ele via circulando com frequência instrutores do Centroweg, o centro de treinamento da WEG,

que mantém parceria com o SENAI. Lucas decidiu submeter-se à seleção para o Centroweg depois de formado. Aprovado, neste ano começou a aprender técnicas de montagem de aerogeradores. Já recebe salário e vários benefícios, mesmo que o trabalho de fato se inicie somente em 2016. Lucas se esforça para concluir o treinamento com excelência e se habilitar a uma das bolsas oferecidas pela empresa para cursar Engenharia Mecânica. “Vou me tornar engenheiro com ou sem bolsa”, afirma o jovem, um dos Embaixadores da Educação de Santa Catarina. ■



Estado de atração

Santa Catarina oferece as melhores oportunidades profissionais aos jovens

Um estudo do IPEA divulgado em livro no ano passado mapeou a migração interna dos jovens brasileiros como alternativa para melhorar sua inserção no mercado de trabalho. Santa Catarina só perdeu para São Paulo e Goiás na lista dos saldos migratórios positivos, atraindo principalmente jovens bem escolarizados de outros estados. Santa Catarina se destaca em relação à qualidade dos postos de trabalho oferecidos a jovens. Foi mapeada a situação das microrregiões brasileiras segundo o índice de qualidade do posto de trabalho (IQP) para brasileiros de 23 a 29

anos, com base no Censo de 2010.

Das 10 primeiras macrorregiões, cinco estão em Santa Catarina (veja o quadro). Blumenau e Joinville dividem com Jundiaí, em São Paulo, os índices mais elevados do País. Seu IQP é de 6,4. Quanto mais próximo de 10, melhor a inserção do grupo no mercado de trabalho. “A qualidade do mercado de trabalho e da remuneração faz de Santa Catarina o estado que trata melhor os jovens”, diz o pesquisador do IPEA Herton Araújo, um dos responsáveis pelo estudo.

Regiões com melhor índice de qualidade de trabalho (IQP)

Blumenau (SC)	6,4
Joinville (SC)	6,4
Jundiaí (SP)	6,4
Caxias do Sul (RS)	6,3
Campinas (SP)	6,2
Curitiba (PR)	6,0
Florianópolis (SC)	6,0
São Paulo (SP)	5,9
Criciúma (SC)	5,9
Itajaí (SC)	5,8

Fonte: IPEA

Dona de casa, dona de fábrica

SILVIA HOEPCKE FOI CRIADA PARA SER UMA BOA ESPOSA E MÃE, MAS QUERIA IR ALÉM E LOGO PERCEBEU QUE NA EMPRESA DA FAMÍLIA, A HOEPCKE BORDADOS, SE SENTIA EM CASA. TRATOU ENTÃO DE CUIDAR DELA

Por **Maurício Oliveira**

Cada vez que Sílvia Hoepcke da Silva inicia um dia de trabalho, carrega consigo não apenas a experiência acumulada ao longo dos recém-completados 70 anos de vida, mas uma tradição familiar que se confunde com a história política e econômica de Santa Catarina. Ela é filha do ex-governador Aderbal Ramos da Silva (1911-1985) e bisneta do empreendedor Carl Hoepcke (1844-1924), alemão que veio para o Brasil na juventude e desenvolveu, a partir de Florianópolis, uma robusta rede de empresas industriais e comerciais. Sílvia está à frente de uma dessas empresas, a tradicionalíssima Hoepcke Bordados, que completou 100 anos em 2013.

Criada em meio à elite florianopolitana – tinha dois anos quando o pai chegou ao Governo do Estado –, Sílvia cumpriu o *script* reservado à época às moças da chamada “alta sociedade”. Estudou no Colégio Coração de Jesus e foi preparada para ser uma boa esposa e mãe. Casou-se ainda muito jovem e logo teve dois filhos – uma menina e um menino. Parecia ser a vida perfeita, só que, à medida que as crianças cresciam, Sílvia sentia com ênfase cada vez maior que lhe falta-

va algo. “Eu queria trabalhar, ser produtiva, mas não era fácil quebrar a resistência que havia em torno de mim. Teria sido cômodo continuar apenas como mãe e dona de casa, mas isso não me satisfazia plenamente”, lembra.

A solução foi se aliar à irmã mais velha, Anni-ta, que sentia inquietações semelhantes. As duas decidiram enfrentar as resistências e prestaram vestibular juntas. Foram aprovadas e fizeram lado a lado o curso de Administração na Universidade Federal de Santa Catarina. O estágio obrigatório foi numa das empresas da família, justamente a Hoepcke Bordados. “Desde os primeiros dias eu fugia do escritório e passava o tempo todo na fábrica. Era onde me sentia bem, em casa. Até hoje é assim”, descreve Sílvia. Com um estilo de gestão flexível, que mistura a vocação para o empreendedorismo herdado do bisavô com a arte de fazer política que absorveu do convívio com o pai, ela foi ganhando espaço e respeito, superando assim a possível implicância dos colegas pelo fato de ser “filha do dono”. Galgou cargos até assumir a presidência da fábrica, em 1991.

A essa altura, a sede original, nos altos da Fe-



Silvia, em seu escritório: a indústria lhe proporcionou satisfação e muitos desafios

EDSON JUNIUS

Ilpe Schmidt, já havia sido transferida para São José, onde o parque fabril e administrativo da empresa ocupa uma área com mais de 10 mil metros quadrados à beira da BR-101. Os quase 25 anos de Silvia à frente da empresa foram de constantes desafios, muitos deles resultantes da evolução tecnológica registrada no período e, sobretudo, da abertura do mercado – cujo efeito mais marcante, para a indústria têxtil brasileira como um todo, é a concorrência asiática.

Interesse de estilistas

O caminho obrigatório para a Hoepcke Bordados foi buscar maior valor agregado para seus produtos, escapando do embate direto com os chineses. A linha mais tradicional, composta por bordados em cambraia de algodão, abriu espaço para uma maior diversidade de modelos e materiais – que inclui, por exemplo, rendas guipure, muito utilizadas em vestidos de festa. Outra das →

PERFIL

estratégias foi passar a oferecer serviços customizados aos clientes, com adaptações exclusivas. Essa disponibilidade despertou o interesse de estilistas como Glória Coelho, André Lima e Alexandre Herchcovitch, que encomendaram detalhes dos mais diversos tipos para suas criações de moda. “A gente gosta muito do contato com os grandes estilistas, porque eles têm ideias inusitadas, que se tornam enormes desafios e nos fazem sair do convencional para encontrar soluções que os satisfaçam”, diz Silvia.

A presença no mundo das passarelas abriu um novo campo de exposição e de prospecção para a tradicional fábrica catarinense de bordados, mas nem por isso a Hoepcke descuidou dos parceiros frequentes na área de cama, mesa e banho – grandes confecções, a maior parte delas

Máquina de 15 metros de comprimento e 536 agulhas é a estrela da companhia

sediadas em Santa Catarina, que asseguram encomendas de

maior volume e contribuem decisivamente para que a Hoepcke mantenha a média de 13 milhões de pontos de bordado por mês. Alguns dos parceiros mais ativos neste ano têm sido Buddemeyer, Altenburg e Dois Rios.

Renovação fabril

Silvia se dedica tanto à empresa que seu destino preferencial para viagens internacionais é a Suíça, vínculo que se estabeleceu por conta de ser este país a grande referência na área de bordados e nele estar sediada a fábrica que há muitos anos fornece o maquinário para a Hoepcke. O parque fabril vem sendo constantemente renovado e dois novos equipamentos estão para chegar nos próximos meses. “As máquinas de hoje são seis vezes mais rápidas que aquelas que tínhamos quando assumi o comando da empresa. Somos obrigados a investir em equipamen-



FOTOS: EDSON JUNQUES

tos modernos para continuarmos competitivos”, descreve Silvia, enquanto explica detalhes da “estrela” da casa, com 536 agulhas e 15 metros de comprimento.

A paixão que Silvia demonstra pelo trabalho na Hoepcke Bordados é compartilhada com outra empresa que ela lidera: a Rádio Guarujá. “No caso da rádio, meu envolvimento é muito menos profissional e mais afetivo. Trabalho mesmo é aqui na Bordados”, brinca. Ela sente tanto prazer com o cotidiano na fábrica que ainda não parou para pensar seriamente em aposentadoria, ainda que o processo de sucessão esteja bem encaminhado: seus filhos Luciana, 47 anos, e Fábio, 45, trabalham ao lado da mãe. Luciana é graduada em marketing e cuida desta área e também do desenvolvimento de produtos – foi a responsável pela aproximação com os estilistas –, enquanto Fábio cuida da gestão financeiro-comercial e dos recursos humanos.

A empresa, que já teve mais de 500 funcionários, trabalha hoje com uma equipe bem mais enxuta, composta por 80 colaboradores. Permaneceram, contudo, os mais experientes – boa parte deles soma mais de 20 anos de casa. “Decidimos encorajar para voltar a crescer aos poucos e com tecnologia de ponta”, explica Silvia. Com a renovação do parque fabril, as antigas máquinas – algumas remanescentes ainda do tempo da fábrica na Felipe Schmidt – serão destinadas a um projeto que vem ganhando cada vez mais espaço no coração de Silvia e da irmã Annita: um museu das empresas Hoepcke sediado na antiga fábrica. Elas já deram um grande passo em prol da memória da família – e também da cidade e

*Para voltar a crescer:
funcionários experientes
e tecnologia de ponta*



Hoepcke
Bordados
PRODUÇÃO
13 MILHÕES
de pontos de
bordado/mês

do Estado como um todo – ao transformar o casarão onde cresceram, na Avenida Trompowsky, Centro de Florianópolis, na sede do Instituto Carl Hoepcke. Ali, além do acervo

de livros e objetos antigos, há cursos de alemão e outras atividades abertas à comunidade.

Uma das características mais marcantes de Silvia, reconhecida pelos empresários catarinenses dos mais diversos setores, é a sua disponibilidade para trabalhar pelo benefício coletivo. Ela é participante ativa de instituições como a FIESC, a Associação dos Dirigentes de Vendas de Santa Catarina (ADVB-SC), a Associação Comercial e Industrial de Florianópolis (ACIF) e a Associação Catarinense de Emissoras de Rádio e Televisão (ACAERT). “Sou bastante associativa e gosto dessa troca, de aprender no contato com os outros”, afirma. ■



CONSERVAS

Neste setor,

O GOSTO DOS IMIGRANTES PELO CHUCRUTE E OUTRAS IGUARIAS FEZ NASCER A INDÚSTRIA DE CONSERVAS EM SANTA CATARINA. ELA ENFRENTOU CRISES, SE MODERNIZOU E HOJE CRESCE COM A DEMANDA CADA VEZ MAIOR POR ALIMENTAÇÃO PRÁTICA E SAUDÁVEL

Por **Maurício Oliveira**

Com certa dose de humor, mas sem faltar à verdade, poderíamos descrever a Himmer como uma senhora muito bem conservada. Afinal, estamos falando de uma companhia catarinense que acaba de completar um século de existência e esbanja vitalidade – tanto que o faturamento saltou quase 22% no ano passado, alcançando R\$ 175 milhões. E nem se tratou de um ano especialmente promissor para a empresa, cuja receita mais que dobrou desde os R\$ 83 milhões faturados em 2011.

É por conta desse histórico recente que, mesmo diante das dificuldades gerais da economia, a expectativa é manter o ritmo neste ano. Para isso, a empresa engendra uma série de ações de expansão, como a compra de maquinário mais moderno e a ampliação da presença comercial em regiões ainda pouco exploradas – especialmente o Centro-Oeste e o Nordeste do País. O ingresso em novos segmentos também está nos planos. Um exemplo é o de maioneses em potes, com o lançamento previsto de cinco variações de sabores até o final do ano, passo que a levará a enfren-

CLEBER GOMES/INASTIAN

os pepinos são bem-vindos

tar gigantes do setor de alimentação nas prateleiras dos supermercados – até então, a Hemmer atuava apenas com maioneses em sachês.

“Quanto mais complicado o momento econômico, mais necessária se torna a combinação entre inovação e eficiência. Estamos empenhados nisso”, afirma o gerente comercial Elisandro Nunes da Rosa. Superação é uma marca da trajetória da Hemmer, que enfrentou inúmeros obstáculos ao longo dos seus cem anos de existência. Essa longa história começou em Blumenau, em 1915, quando o empreendedor Heinrich Hemmer, que viera anos antes da Alemanha a convite do colonizador Hermann Blumenau para ser professor, passou a conciliar a atividade de educador com a transformação em negócio de uma tradição herdada dos pais: a fabricação e venda do chucrute, iguaria alemã originalmente chamada de *sauerkraut*.

Hemmer cuidava pessoalmente de todas as etapas da cadeia produtiva, desde o cultivo e a colheita do repolho, principal ingrediente do chucrute, até a venda dos produtos de porta em



SHUTTERSTOCK



DANIEL ZIMMERMANN/DIVULGAÇÃO

porta em uma carroça. Com a procura crescente pelos clientes, o empreendedor foi se associando a outros agricultores, recrutando colaboradores e expandindo as opções oferecidas, inicialmente com mostardas, depois com legumes em geral.

Passado um século, a Hemmer Alimentos é administrada pela quinta geração de descendentes do pioneiro. No comando está Ericsson Luef, 39 anos, que começou na empresa como estagiário, aos 14 anos, e passou por vários setores até chegar ao topo da hierarquia, em 2010 – momento que coincide com a fase de crescimento acelerado registrado nos últimos anos. Contando com o apoio de quatro irmãos mais novos, todos ocupando cargos-chave, Ericsson é reconhecido pelo estilo descentralizador e pela valorização da equipe –

tanto que delegou ao gerente comercial a incumbência de conceder a entrevista para esta reportagem.

A empresa desenvolveu um planejamento estratégico para



dar sequência à expansão constante que a levou a ocupar uma área de quase

20 mil metros quadrados no Badenfurt, mesmo bairro em que o negócio foi iniciado numa pequena casa colonial. Hoje são mais de 700 colaboradores, incluindo os representantes comerciais. Um dos projetos mais importantes para a próxima década é ampliar as exportações – por enquanto, as vendas ocorrem em pequenas quantidades para o Paraguai, o Japão e a Inglaterra. Prospectar novos mercados na América do Sul e na Europa é a prioridade.

Luef, da Hemmer: crescimento e prospecção de novos mercados

Consumo seguro

Seguindo o modelo de expansão planejado pelo fundador, a linha de produtos da Hemmer continuou sendo gradualmente reforçada e hoje é composta por 350 itens. Destacam-se as conservas de pepino, beterraba, azeitona e palmito,

Do que mais se faz conservas em SC



Repolho (chucrute)



Pepino



Beterraba



Azeitona



Legumes



Ovos de codorna



Palmito

além dos atomatados – catchup e molho de tomate. Também estão ganhando espaço os produtos feitos com matérias-primas importadas, a exemplo de azeites espanhóis e portugueses, aceto balsâmico italiano e mostardas produzidas com sementes canadenses. Entre muitos acertos, contudo, alguns equívocos foram cometidos no caminho da diversificação. Um exemplo foi a aposta no mamão papaia andino, trazido da Cordilheira dos Andes, que não atraiu o interesse do público na dimensão inicialmente imaginada. “Tivemos que recuar, pois, apesar da qualidade e do sabor realmente diferenciados, o produto encalhou nas prateleiras. Descobrimos que os brasileiros ainda resistem a uma linha mais gourmet”, avalia Rosa.

A Hemmer é o principal ícone de um segmento tradicional da indústria catarinense, que pode ser definido pela atividade de selecionar alimentos e conservá-los em um padrão de qualidade que possibilite o consumo seguro dentro do prazo de validade. Depois da Hemmer surgiram no território catarinense muitas outras fabricantes de conservas, sediadas quase sempre em pequenas cidades. Algumas das mais antigas não resistiram e fecharam as portas, mas

novos empreendimentos continuam surgindo. É o caso da Dos Alpes, de Treze Tílias, criada pelo Grupo Pioneiro para diversificar negócios que até então se concentravam no ramo automotivo. Em 2011, o grupo adquiriu a estrutura de uma fabricante local de alimentos, a Incotril, e renovou o maquinário para ingressar no novo segmento de atuação.

Lançamentos constantes

Os principais produtos da Dos Alpes são conservas de pepino, azeitonas e cebolinhas, além de doces de frutas e de leite. “Este é um segmento que depende de lançamentos constantes, de investimentos em embalagens e de muito esforço de distribuição, para que os produtos cheguem aos consumidores como uma opção a ser considerada no momento da compra”, diz o presidente da

Dos Alpes, Eder Barbieri, que lidera uma equipe de 40 colaboradores na produção de 3 mil toneladas anuais. Outro desafio da empresa é lidar com os pequenos concorrentes da região, que fazem seus produtos de forma artesanal, sem os mesmos investimentos em higiene e sem

350 itens

Linha de produtos da Hemmer

→



FABIANO MARTINS

os mesmos gastos com impostos, situação que permite estabelecer preços mais acessíveis.

Uma das características das maiores empresas do setor de conservas é a fusão entre tradição e tecnologia. Ao mesmo tempo em que possui um moderno laboratório para análises e desenvolvimento de fórmulas exclusivas, a Hemmer mantém etapas do processo que remontam aos tempos do fundador. Antes da embalagem, todos os alimentos passam por uma revisão final feita à mão, para correção de eventuais imperfeições – um cuidado estético importante para manter a imagem de qualidade dos produtos da empresa. Na Dos Alpes, em torno de 90% do processo de industrialização é automatizado, mas, a exemplo do que



ocorre na Hemmer, algumas etapas se mantêm artesanais, como a seleção do produto *in natura* e a inspeção do produto final.

Barbieri, da Dos Alpes: é difícil concorrer com a informalidade

A tradição catarinense em conservas fez nascer também indústrias especializadas em fornecer maquinário para este segmento. É o caso da Hauber Macanuda, de Joinville.

Só para a fabricação de conservas de ovos de codorna, por exemplo, a empresa oferece oito diferentes tipos de equipamentos. Há nesse processo uma série de etapas que leigos sequer

**3 MIL
toneladas**
Produção anual
da Dos Alpes

imaginam. Existe uma máquina apenas para centralizar a gema, cozinhando os ovos em um movimento giratório, e outra apenas para trincar a casca, facilitando o descascamento posterior. “Além das máquinas que já temos na nossa linha, estamos à disposição dos clientes para desen-





decisaonet.com.br

SANTA CATARINA

#SBTHD,
#VICELÍDER
ABSOLUTO NO ESTADO



Todo dia, a família SBT Santa Catarina se prepara para receber a sua família com uma programação HD, em alta definição, que leva variedades, diversão e muita informação até a sua casa.

O SBT SC tem orgulho em oferecer, além de qualidade, um compromisso diário com os verdadeiros valores. E é por isso que, cada vez mais, a nossa marca se multiplica nos lares catarinenses.



SBTSC.COM.BR



SBTSCONLINE



@SBTSC



SBTSC



CLEBER GOMES/ASTIAN

Produção inclui processos automatizados e artesanais

“volver equipamentos específicos para suas necessidades”, afirma a tecnóloga em mecânica Juliana Hauber Bublitz, sobrinha dos fundadores. A empresa facilita também a vida dos empreendedores no que diz respeito ao pagamento, que pode ser feito em até 48 vezes.

Mesmo diante das dificuldades econômicas momentâneas, o segmento de conservas é considerado bastante promissor, por conta das necessidades modernas de alimentação prática e saudável, tanto no âmbito doméstico quanto

comercial – os restaurantes e cozinhas industriais são grandes consumidores de conservas de ovos de codorna, legumes e vegetais. O Sebrae presta orientação específica aos candidatos a abrir empreendimentos neste segmento, lembrando sempre que se trata de um negócio que exige planejamento atencioso, principalmente por conta da legislação rigorosa do setor de alimentos.

Certificado federal

O empresário Ezequiel Santos, proprietário da Conservas Medeiros, de Barra Velha, conhece bem as dificuldades que o segmento pode impor aos empreendedores – mas descobriu também o caminho para superá-las. Quando decidiu atuar no mercado de ovos de codorna, ele montou uma granja própria e se tornou fornecedor de uma empresa de conservas, a Korna, parceria que se estendeu por um período de cinco anos. Daí em diante Santos decidiu que começaria a trabalhar por conta própria, o que o levou a uma mudança estratégica: vendeu as codornas e passou a comprar os ovos de grandes granjas do Paraná e São Paulo, momento em que fundou a Conservas Medeiros, nome do bairro que sedia a empresa – e que foi fundado por seu tataravô. “Tanto por questões práticas quanto sanitárias é complicado manter os dois negócios funcionando próximos”, descreve Santos.

Os primeiros tempos como empreendedor foram marcados por um calote que quase quebrou a então recém-criada Conservas Medeiros – um cliente emitiu cheques que Santos descobriu depois serem roubados, o que lhe causou um prejuízo de quase R\$ 50 mil. “Foi um grande baque para quem estava começando, mas vendi meu carro e fiz empréstimos



para me reerguer. Demorou e foi difícil, mas consegui sair do buraco”, lembra. Hoje, depois de um processo de três anos para obter todos os certificados sanitários exigidos, tanto estaduais quanto federais, a empresa cresceu e já conta com 30 funcionários. Produz 4 toneladas de conservas de ovos de codorna por dia, o que demonstra o acerto da decisão de abrir mão da granja própria – seria necessário ter 200 mil aves para assegurar o abastecimento.

Além do carro-chefe, a Conservas Medeiros está trabalhando também com azeitonas, pepinos e beterrabas, num parque industrial de 1.500 metros quadrados. Uma nova unidade, de palmitos cultivados, foi aberta recentemente, ocupando 450 metros quadrados adicionais. Vendendo exclusivamente

para o atacado, Santos percebe uma queda de 30% nas vendas nesses primeiros meses do ano, atribuindo-a ao momento econômico. “O retorno que os supermercados me dão é de queda na procura. Parte dos consumidores tirou as conservas da lista de compras ou diminuiu a quantidade que costumava comprar”, descreve. Outro problema é que as vendas normalmente costumam cair durante o inverno – o consumo de frutas e legumes em geral está mais associado aos meses quentes, entre setembro e março.

Dificuldades que, mais uma vez, o empreendedor terá que superar para ajudar a manter viva uma tradição catarinense. ■

Santos, da Medeiros: superação constante

4 t/dia Produção de conservas de ovos de codorna da Medeiros





Eliane começou na linha de produção, colando palmilhas nas solas dos sapatos

PAIXÃO correspondida

A CONQUISTA DE UMA VAGA NO SETOR DE CRIAÇÃO DA RAPHAELLA BOOZ PERMITIU A ELIANE RITA TRANSFORMAR A ATRAÇÃO QUE SENTIA PELO DESIGN EM UMA BEM-SUCEDIDA CARREIRA PROFISSIONAL

Por **Mauro Gerês**

Em 1997, ao procurar trabalho, Eliane Rita optou pelo caminho mais simples. Natural de São João Batista, foi pedir emprego em uma fábrica de calçados, atividade com a qual o município ganhou destaque no Brasil e fora dele. Mal sabia que o início na linha de produção de uma fábrica seria apenas o passaporte para voos mais altos. Em pouco tempo ela conquistaria uma vaga no setor de criação da Raphaella Booz, empresa familiar com quase 50 anos de mercado que produz 1 milhão de pares de sapatos por ano. A partir daí, a paixão pelo design se transfor-

Vamos brigar por investimentos no Estado

Mesmo diante do corte no orçamento anunciado pelo Governo Federal, Santa Catarina vai brigar por obras urgentes de infraestrutura fundamentais para o seu desenvolvimento e competitividade industrial. Parceiro da Federação das Indústrias de Santa Catarina, bem como de todo o setor produtivo, o Fórum Parlamentar Catarinense sabe dos desafios e das dificuldades, mas, ao lado da bancada federal, vai atuar fortemente para que os recursos que forem reservados sejam realmente investidos nas prioridades do Estado.

Durante a 1ª Reunião Macrorregional do Fórum Parlamentar Catarinense, em maio, a FIESC apresentou algumas de suas reivindicações. Destacou os sérios problemas de mobilidade, as questões das pontes, do Contorno Viário de Florianópolis, da Via Expressa (BR-282), do elevador de Palhoça e do túnel do Morro dos Cavalos. Obras que têm influência direta na mobilidade das cidades que compõem a Grande Florianópolis. As obras de duplicação de rodovias como BR-280, BR-470, BR-282 e BR-116 também engrossam as demandas estaduais.

Trata-se de uma agenda extensa, mas a questão da infraestrutura é central para o desenvolvimento social e econômico de Santa Catarina. Além das necessidades rodoviárias, estão entre as prioridades do Fórum a ampliação de aeroportos e a adequação dos portos do Estado. No modal ferroviário a luta é pela construção dos contornos de Joinville, São Francisco do Sul e Jaraguá do

Sul e a viabilização das ferrovias Litorânea e Leste-Oeste. Além da infraestrutura logística, o Fórum elegeu como pautas principais a saúde, a educação e a questão energética. Neste último quesito, queremos servir à interlocução da indústria catarinense com o Governo Federal para a ampliação da produção e transporte de gás natural.

Em articulação com as bancadas de parlamentares do Paraná e do Rio Grande do Sul, o Fórum Parlamentar Catarinense também soma esforços para discutir e apresentar projetos de interesse comum à Região Sul, historicamente preterida nos investimentos realizados pelo Governo Federal. Em 2012 os estados do Sul obtiveram aportes de somente R\$ 2,076 bilhões dos cofres federais, o que representou um volume de recursos oito vezes menor que o obtido pela Região Nordeste.

Não será um período fácil, mas Santa Catarina, que já demonstrou ser forte mesmo na crise, merece respeito e atenção. O Estado possui o quarto maior parque industrial do Brasil, com 50 mil estabelecimentos que geram mais de 800 mil empregos.

Somente a indústria pagou R\$ 7,5 bilhões em tributos (ICMS e IPI) em 2014, e ainda liderou nacionalmente a geração de empregos. Santa Catarina também se destaca na produção agropecuária e em serviços como o turismo. Em suma, é um dos motores do País. O Fórum Parlamentar Catarinense está atento e pronto para demonstrar força política na hora de brigar pelos catarinenses, independentemente da bandeira partidária. ■



Mauro Mariani

Deputado federal e coordenador do Fórum Parlamentar Catarinense

OS PRODUTOS DA SUA INDÚSTRIA
A UM CLIQUE DE DISTÂNCIA.



A VITRINE DA INDÚSTRIA CATARINENSE.

Conheça o Indústria SC, um portal para reunir as indústrias do estado num só lugar e gerar negócios online. É mais um canal para você divulgar o que produz, ampliar contatos e vender mais. Cada indústria terá a sua vitrine, com produtos e serviços em exposição, gerenciada pelos próprios empresários. Tudo realizado de forma segura, com a credibilidade da FIESC e do CIESC.

Monte sua vitrine virtual e experimente.

Acesse www.industriasc.com.br ou ligue (48) 3231-4120.





ENCONTRO ECONÔMICO BRASIL - ALEMANHA 2015

DEUTSCH - BRASILIANISCHE WIRTSCHAFTSTAGE 2015



VOCÊ TEM UM ENCONTRO MARCADO COM REPRESENTANTES DE EMPRESAS E ENTIDADES BRASILEIRAS E ALEMÃS VOLTADAS A NEGÓCIOS, PARCERIAS E INVESTIMENTOS DOS MAIS VARIADOS SEGMENTOS INDUSTRIAIS.

www.cni.org.br/eeba

Parceiros



Ministério das
Relações Exteriores



Deutscher-Handels- und
Industrie- und Handwerks-
Verband in Brasilien
Brasil & Europa



Iniciativa da CNI - Confederação
Nacional da Indústria



The Voice of
German Industry



Confederação Nacional da Indústria
CNI. A FORÇA DO BRASIL INDÚSTRIA

Apoio

Organização